



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS – CCHE
CAMPUS POETA PINTO DO MONTEIRO
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA**

JOYCE DA SILVA RODRIGUES MARIANO

**AS PROFUNDEZAS DA MENTE EM CORES E FORMAS: UMA ANÁLISE
PSICANALÍTICA DAS MANIFESTAÇÕES DO INCONSCIENTE NAS PRODUÇÕES
ARTÍSTICAS DOS PERSONAGENS NO FILME “NISE – O CORAÇÃO DA
LOUCURA”**

**MONTEIRO
2018**

JOYCE DA SILVA RODRIGUES MARIANO

**AS PROFUNDEZAS DA MENTE EM CORES E FORMAS: UMA ANÁLISE
PSICANALÍTICA DAS MANIFESTAÇÕES DO INCONSCIENTE NAS PRODUÇÕES
ARTÍSTICAS DOS PERSONAGENS NO FILME “NISE – O CORAÇÃO DA
LOUCURA”**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Letras, Habilitação em Língua Portuguesa, da Universidade Estadual da Paraíba, Campus VI – Poeta Pinto do Monteiro, Centro de Ciências Humanas e Exatas, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada em Letras.

Área de concentração: Psicanálise e Literatura.

Orientadora: Prof^ª Ms. Joana Dar’k Costa.

MONTEIRO-PB

2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M333p Mariano, Joyce da Silva Rodrigues.

As profundezas da mente em cores e formas [manuscrito] : uma análise psicanalítica das manifestações do inconsciente nas produções artísticas dos personagens no filme "Nise – O coração da loucura" / Joyce da Silva Rodrigues Mariano. - 2018.

56 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2018.

"Orientação : Profa. Ma. Joana Dar'k Costa, Coordenação do Curso de Letras - CCHE."

1. Nise da Silveira. 2. Literatura e Psicanálise. 3. Transtorno mental. 4. Literatura e Loucura. 5. Nise – O coração da loucura (Filme).

21. ed. CDD 801.959

JOYCE DA SILVA RODRIGUES MARIANO

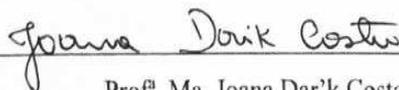
**AS PROFUNDEZAS DA MENTE EM CORES E FORMAS: Uma análise
psicanalítica das manifestações do inconsciente nas produções artísticas dos
personagens no filme “Nise – O coração da loucura”**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Letras, Habilitação em Língua Portuguesa, da Universidade Estadual da Paraíba, Campus VI – Poeta Pinto do Monteiro, Centro de Ciências Humanas e Exatas, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada em Letras.

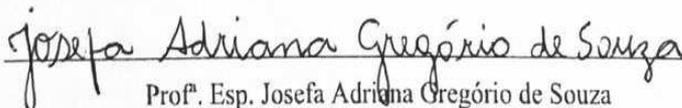
Aprovada em: 06/06/2018.

Área de concentração: Psicanálise e Literatura.

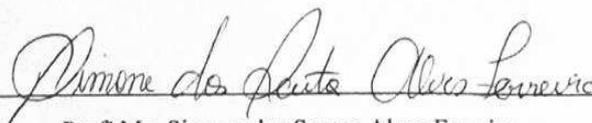
BANCA EXAMINADORA



Profª. Ma. Joana Dar'k Costa (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profª. Esp. Josefa Adriana Gregório de Souza
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profª Ma. Simone dos Santos Alves Ferreira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao meu bom e justo Deus; aos meus pais,
Cícero Quintans e Maria Cícera
Rodrigues; ao meu esposo, Cristóvão
Mariano; aos meus verdadeiros amigos,
em especial, Diene Raniely Silva Oliveira;
a minha orientadora, Joana Dar´k Costa

AGRADECIMENTOS

“Agradeço todas as dificuldades que enfrentei; não fosse por elas, eu não teria saído do lugar. As facilidades nos impedem de caminhar. Mesmo as críticas nos auxiliam muito.” (Chico Xavier).

Um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é resultado de um percurso um tanto doloroso, cheio de espinhos e lágrimas. Por outro lado, esse mesmo percurso proporciona novas experiências, conhecimentos, a dádiva de novos relacionamentos que nos leva a enxergar a vida por outro ângulo, dando-nos força para vencermos todos os dias as adversidades que surgem. Por isso, sou profundamente grata, a todos que com amor, companheirismo, dedicação, paciência chegaram até aqui comigo. Pois sei que, sem o incentivo de muitos, não teria eu, chegado a conquistar essa vitória.

Infelizmente não tenho espaço para agradecer a todas as pessoas que me ajudaram nesse percurso, mas guardo-as no meu coração e na minha mente. No entanto, gostaria de mencionar algumas pessoas, direcionando até elas a minha eterna gratidão.

Sou grata ao meu bom e grandioso Deus, pois sem suas intercessões não somos dignos de se quer acordar dia após dia. Sou grata aos meus pais Cícero Quintans e M^a Cícera que, mesmo sem entenderem as minhas lágrimas e preocupações estiveram sempre ao meu lado.

Sou grata ao meu esposo, Cristóvão Mariano, ainda que apesar de suas preocupações pessoais, esteve desde o início ao meu lado, sempre falando: “Você é capaz!”. Compreendendo-me e dando-me um apoio incessante a cada hora, minuto, segundo que precisei. Sendo para mim um exemplo de perseverança.

Sou grata a minha irmã Jéssica Silva, pelo apoio constante e a minha pequena sobrinha Mayza Grasielle, que sem intenção, me fazia rir quando as lágrimas lutavam para rolar em meu rosto. Agradeço ainda, aos meus sogros e cunhados (as).

Sou grata a todas as verdadeiras amigas que me cercam com muita motivação e carinho. A Ruana Natasha, uma irmã que a vida me deu, que sempre esteve comigo nos piores e melhores momentos, me ajudando com o possível e o impossível. A minha amiga de longuíssima data (“Nega”), Érika Mayara, que vê em mim uma extrema capacidade de vencer as dificuldades da vida, sem se quer saber da carência que sinto em ouvir suas palavras de motivação para seguir em frente. Agradeço ainda as amigas que a vida acadêmica me deu, de maneira especial a Lindovânia Borges, por servir de apoio quando eu queria desistir da caminhada acadêmica, mostrando-me a partir de suas atitudes, que mesmo com tantos

problemas pessoais, devemos ser firmes e fortes; logo, comigo não poderia ser diferente. A Diene Raniely, que embora tenhamos passado pouco tempo uma ao lado da outra, mostrou-me que com simplicidade e dignidade podemos conquistar o que almejamos e mesmo com a distância se preocupou comigo, não se afastando nunca.

Sou grata a minha orientadora Joana Dar'k, que sempre viu em mim um potencial, o qual eu não acreditava existir; agradeço infinitamente a paciência, dedicação, compreensão, as críticas construtivas, e também por ter, todo esse tempo, solícitamente, me ofertado o seu riquíssimo conhecimento. Serei eternamente grata não apenas pelas inúmeras orientações acadêmicas e da vida, mas também pela demonstração de amizade, atenção e carinho por mim. O meu muito obrigada por me tornar sua orientanda!

Sou grata a todos os professores do CAMPUS VI que, de alguma forma fizeram parte dessa jornada na construção de conhecimentos positivos. Agradeço, principalmente, as docentes que compuseram a banca examinadora deste trabalho, obrigada por aceitarem fazer parte da construção desse trabalho e desse momento tão importante em minha vida.

Enfim, Sou Grata... do fundo do meu coração a todos vocês!

“Para remar contra corrente, são necessárias condições raras: espírito de aventura, perseverança e paixão.”

Nise da Silveira

RESUMO

O presente trabalho tem como principal objetivo analisar, à luz dos pressupostos psicanalíticos, as expressões simbólicas de conteúdos reprimidos no inconsciente nas produções artísticas dos personagens com transtornos mentais no filme *Nise – O coração da loucura* (2016). Nossa pretensão foi analisar a eficácia e o poder terapêutico da arte no tratamento dos personagens que sofrem com transtornos mentais. Outro aspecto investigado está relacionado à importância da criação de vínculos afetivos no processo de interação dos personagens pacientes do manicômio. Para fundamentar o estudo, optamos por teóricos da Psicanálise que se debruçaram sobre a teoria do aparelho psíquico, o poder do inconsciente e suas formas de manifestação, o conceito de sublimação, a relação arte e inconsciente e as doenças mentais. Assim, como fio condutor de nossas análises recorremos aos estudos de Sigmund Freud (1996), Roudinesco (1944), Carrara (2014), J. -D. Nasio (1995) e Foucault (2008), este último mais focado nas questões teóricas sobre a loucura e seus efeitos sociais. Em nossas análises percebemos que a arte foi restauradora e possibilitou a ressignificação de conflitos psíquicos dos pacientes que tiveram seus sintomas aliviados e conseguiram dar novos sentidos as suas vidas. Podemos supor que as energias pulsionais dos internos-artistas foram sublimadas em processos criativos e eles produziram belas obras de artes que foram apreciadas por artistas nacionais e internacionais. Evidenciamos também que a criação de laços afetivos com os internos do hospital, pautados na sensibilidade, ações humanizadoras e empatia, agenciados pela personagem psiquiatra, contribuiu no processo de socialização, melhorias das condições de vida, além de minimizar os sintomas dos transtornos que apresentavam.

Palavras-chave: Nise da Silveira. Literatura e Psicanálise. Transtorno Mental. Literatura e Loucura. Nise – O coração da loucura (Filme).

ABSTRACT

The present paper has as its main goal to analyze, in the light of the psychoanalytic assumptions, the symbolic expressions of repressed contents in the unconscious in the artistic productions of the characters with mental disorders in the movie *Nise – The heart of madness*. Our intention was to analyze the efficacy and therapeutic power of art in the treatment of the characters who suffer with mental disorders. Another aspect investigated is related to the importance of creating affective bonds in the process of interaction among the patient characters of the asylum. To support the study, we opted for Psychoanalysis theorists who study the theory of the psychic apparatus, the power of the unconscious and its forms of manifestation, the concept of sublimation, the relationship between art, unconscious and mental illness. Thus, as a conductive thread for our reviews, we have resorted to the studies of Sigmund Freud (1996), Roudinesco (1944), Carrara (2014), J. -D. Nasio (1995) and Foucault (2008), being this last one more focused on the theoretical questions about insanity and its social effects. In our reviews, we have noticed that art was restorative and allowed the resignification of psychic conflicts of the patients, who had their symptoms relieved and managed to give new meaning to their lives. We can suppose that the pulsating energies of the internal-artists were sublimated into creative processes and they produced beautiful works of art, which were appreciated by national and international artists. We have also shown that the creation of affective ties with the hospital inmates, based on sensitivity, humanizing actions and empathy, organized by the psychiatrist character, contributed in the socialization process, improvements in living conditions, besides minimizing the symptoms of the disorders they had.

Key words: Art; Nise da Silveira; Mental Disorder; Unconscious.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Primeira produção do personagem Fernando Diniz.....	41
Figura 2: Obra original do artista Fernando Diniz.....	41
Figura 3: O personagem Fernando após organizar suas pinturas.....	42
Figura 4: Produção original do artista Fernando Diniz.....	42
Figura 5: O personagem Carlos pinta uma flor de ouro.....	43
Figura 6: A representação divina pelo artista Carlos Pertuis.....	43
Figura 7: Rafael Domingues sem motivação pela vida.....	45
Figura 8: A personagem Adelina aos poucos retoma sua autoestima.....	46
Figura 9: O uso do cigarro como fixação na fase oral.....	48
Figura 10: Fixação na fase anal.....	49

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13	
 CAPÍTULO I		
 PSICANÁLISE E O PSQUIISMO HUMANO: UM NOVO PARADIGMA PROPOSTO POR SIGMUND FREUD		15
2 VIDA E OBRA DO PSICANALISTA SIGMUND FREUD	16	
2.1 Psico-Análise à Luz de Sigmund Freud.....	17	
2.2 Vida e Morte: a dinâmica das pulsões.....	22	
2.3 O desenvolvimento sexual na infância e os reflexos na personalidade adulta.....	25	
 CAPÍTULO II		
 PINCÉIS NA TELA DA VIDA: A ARTE E AS EXPRESSÕES SIMBÓLICAS DE SENTIMENTOS REPRIMIDOS NO INCONSCIENTE		31
3 A Sala de Aula vai ao Cinema	32	
3.1 “A Loucura” na Tela do Cinema: Considerações sobre o Filme Nise – O coração da Loucura.....	34	
3.2 Nise da Silveira: uma referência da psiquiatria brasileira no século XX.....	36	
3.3 O pincel que escreve na tela da arte: a “narração” dos conteúdos de uma mente obscura.....	39	
3.3.1 ANÁLISE I - O Personagem Fernando: a expressão simbólica da “loucura”.....	40	
3.3.2 ANÁLISE II - Viver para morrer e morrer para viver: dois desejos que entram em cena.....	44	
3.3.3 ANÁLISE III - Fase oral e anal: reflexos da infância na vida adulta.....	47	
4 CONCLUSÃO	51	
REFERENCIAS	54	

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo principal analisar, à luz dos pressupostos psicanalíticos, as expressões simbólicas de conteúdos reprimidos no inconsciente nas produções artísticas dos personagens com transtornos mentais no filme *Nise – O coração da loucura*. Nossa análise terá como fio condutor a suposição freudiana de que há em uma parte obscura da nossa mente, denominada por ele de inconsciente, que armazena significados codificados, revestidos de metáforas e imagens; sentimentos reprimidos que podem se expressar simbolicamente através das produções artísticas.

O filme que elegemos como objeto de estudo tem como principal personagem a Psiquiatra Nise da Silveira que, após passar por vários transtornos em sua vida pessoal é encaminhada para trabalhar no Centro Psiquiátrico Nacional do Rio de Janeiro. Ao chegar ao hospital psiquiátrico depara-se com procedimentos clínicos feitos a partir da lobotomia e choque elétrico aplicados nos pacientes diagnosticados com esquizofrenia. Esses eram tratados como se fossem verdadeiros animais irracionais. Ela sendo uma médica psiquiatra com formação teórica baseada na Psicanálise recusa-se a trabalhar usando esses procedimentos clínicos. É então direcionada para atuar no Setor de Terapia Ocupacional (STO), área bastante menosprezada pela gestão do hospital e, que, por essa razão nada era feito em benefício dos internos. Mas, a personagem psiquiatra a partir da criação de um ateliê de arte, revolucionou a vida de muitos internos que viviam sentenciados e liderados pela pulsão de morte naquele espaço opaco e sem cores. A arte foi por ela usada como recurso terapêutico e aliada a forma como tratava a todos, com dedicação e carinho, transformou um ambiente de morte em um espaço que pulsava vida.

O interesse pelo tema abordado teve origem durante a exibição do filme em estudo em uma aula do Componente Curricular “Psicologia, Desenvolvimento e Aprendizagem”, do Curso de Licenciatura em Letras. Após a exposição do filme houve um debate com todos que estavam presentes na sala de aula, momento em que se ressaltaram questões importantes da trama exibida (a relação arte/Psicanálise, o aparelho psíquico, conceito de sublimação, as doenças mentais). Foi a partir desse debate que surgiu o interesse de fazer uma análise mais aprofundada do filme, centrada na relação Arte e a Psicanálise. Para Freud (1914) a arte pode ser um dispositivo que possibilita a expressão simbólica de conteúdos obscuros existentes na mente humana. O trabalho artístico é entendido como uma atividade de expressão sublimada de desejos proibidos ou sentimentos reprimidos (SOUZA, 2012).

No desenvolvimento desse estudo elegemos as seguintes questões norteadoras: Qual a eficácia e o poder terapêutico de tintas, pincéis e argila no tratamento dos personagens doentes mentais do filme? As relações de afetos entre profissionais e os doentes mentais como alternativa aos tratamentos invasivos e cruéis aos quais eles eram submetidos no hospital psiquiátrico, contribuíram para socializar e aliviar os sintomas dos transtornos que sofriam?

Como ferramentas teóricas para fundamentar esse estudo, recorreremos aos teóricos da Psicanálise que transitam pela temática abordada. Neste sentido, fazem parte do nosso arcabouço teórico: Sigmund Freud (1996), Roudinesco (1944), Carrara (2014), J. -D. Nasio (1995) e Foucault (2008). O filme *Nise – O coração da loucura* apresenta em sua trama pontos complexos e profundos possibilitando assim diversas análises, veremos no decorrer da trama que os personagens que antes eram usados como cobaias em métodos violentos para tratamentos da esquizofrenia, encontraram na arte, uma forma de expressão dos seus conflitos psíquicos. Aqui vale salientar que, o esquizofrênico vive constantemente mergulhado em um mundo obscuro e imaginário que o impossibilita de viver no mundo real. Para Foucault (2008, p.23), quando um indivíduo tem sua saúde mental afetada por algum transtorno, sua mente é imediatamente fragmentada, tornando-se assim insuficiente e fragilizada. “Porém, tal vazio funcional é, ao mesmo tempo, preenchido por um turbilhão de reações elementares que parecem exageradas e (...) mais violentas pelo desaparecimento de outros comportamentos”.

Nosso trabalho foi desenvolvido em dois capítulos. No primeiro temos uma apresentação do arcabouço teórico que fundamentam o estudo. Embasados nos teóricos acima citados, abordamos alguns conceitos psicanalíticos necessários para efetuarmos a análise do filme. No segundo capítulo, abordamos inicialmente o surgimento do cinema e sua importância como sétima arte, assim como também sua influência no âmbito educacional. Em seguida, temos algumas considerações sobre o filme *Nise – O coração da loucura*: direção, produção, atores, dentre outros elementos que se fazem necessários para a compreensão desse estudo. Neste capítulo, consideramos relevante destacar aspectos importantes da vida e obra da maior referência na psiquiatria nacional e internacional do século XX, Nise da Silveira. Prosseguindo, temos à análise do filme a partir de algumas cenas escolhidas, sendo essas representadas através de imagens que revelam os processos criativos dos personagens e suas produções artísticas, destacando situações em que observamos manifestações negativas advindas do inconsciente que através da *sublimação* transformaram-se em ações positivas e benéficas a saúde mental.

CAPÍTULO I

**PSICANÁLISE E O PSIQUISMO HUMANO: um novo paradigma proposto por
Sigmund Freud**

2 Vida e obra do Psicanalista *Sigmund Freud*

Sigmund Scholomo Freud, precursor da Psicanálise nasceu em 06 de maio de 1856 em Freiberg na Morávia, pertencente a uma família humilde; filho do severo Jacob Freud (simples comerciante) e de Amalie Nathanson; seguiu nos primeiros anos a religião de seus pais, o judaísmo, tornando-se ateu posteriormente. Apesar das poucas condições, ele sempre se dedicou aos estudos, sendo então, apoiado por sua família os quais chegaram a proibir suas irmãs de estudarem piano para evitar barulho e aborrecimentos ao jovem estudante. Primogênito de sete irmãos do terceiro casamento de seu pai, ele sentia-se infinitamente atraído por sua jovem mãe, não sabendo ele ainda que, tal atração iria posteriormente colaborar para o desenvolvimento da sua teoria edipiana.

Com uma colossal inteligência, aos 12 anos de idade, Freud era fluente em duas línguas (alemão e hebraico) e conhecia outras seis (o grego, o francês, o inglês, o latim, o italiano, e o espanhol). Orgulho de sua mãe, chamado por ela de “Meu Sigie de ouro”, aos 17 anos, adentrou na Universidade de Viena, no curso de Medicina. Não era a profissão que ele almejava seguir, mas bem sabia que através da carreira médica, poderia desenvolver uma profissão na área da pesquisa científica. No vai e vem de sua vida, apaixonou-se por Martha Bernays, casando-se com ela apenas quando já trabalhava em seu consultório, isso em 1886. Após algum tempo de casamento, vieram os filhos, desses nasceu a que podemos chamar de sua “sucessora”, Ana Freud.

Após conseguir uma bolsa de Estudo foi para Paris e lá estudou meses com Jean Martin Charcot, psiquiatra que estudava as crises histéricas de seus pacientes através de sessões hipnóticas. O psicanalista passou a acompanhar as sessões de hipnose. Essa experiência foi a base de seus estudos e produções teóricas sobre a histeria e para a descoberta do inconsciente. Em suas análises desse distúrbio, compreendeu que, as doenças podiam ser causadas por ideias, desejos reprimidos, fantasias de traumas sexuais etc., e que através da hipnose, possivelmente, esses sintomas de origem mental poderiam ser de fato conhecidos, podendo então, ser analisados. Dessa forma, passou a discordar da concepção de que a consciência humana e o pensamento racional eram suficientes para explicar todos os comportamentos e pensamentos dos seres humanos tais como: impulsos agressivos, sonhos incompreensíveis, maneiras descontroladas de agir, atos falhos, lapsos, chistes e repulsa da sexualidade.

Com o passar dos anos ele teve sua saúde atingida pelo uso excessivo de charutos, fumava 25 por dia. Sempre ao lado de sua filha Ana Freud, sendo ela considerada como a

“discípula, porta voz do pai”. Foi diagnosticado com um tumor cancerígeno na região da boca (1923-1930), ocasionando cerca de 33 procedimentos cirúrgicos.

Acredita-se que um dos motivos que agravou ainda mais o estado de saúde de Freud foram às várias ameaças provocadas pelos nazistas; Freud de início se negou a retirar-se de sua cidade natal, porém, foi obrigado ir para Londres em 1938 após sua filha predileta, Anna Freud, ter sido detida pelos nazistas.

Ao chegar a Londres, mesmo tendo que conviver com os sintomas e transtornos ocasionados pelo câncer, continuou atendendo aos seus pacientes e produzindo suas visões teóricas. Mas, meses depois seu estado de saúde foi agravado. Freud ficou dois dias em coma; ao “despertar” pôde apresentar uma conclusão pessoal: “Hoje em dia, viver não é nada mais do que tortura. Não faz sentido”. Por afirmar que sua vida já não fazia tanto sentido, Freud pediu a seu médico e amigo Max Schur, para dá um fim a tanto sofrimento, que para ele era desnecessário. Atendendo ao seu pedido, o médico, com autorização de sua filha, injetou uma grande dose de morfina em seu paciente, ocasionando sua morte em 23 de setembro de 1939¹.

Deixando uma vasta produção teórica e se notabilizando como o teórico mais expoente da Psicologia e Psiquiatria, o legado de Freud continua repercutindo nos dias atuais, favorecendo a produção de conhecimento em áreas das Ciências Humanas e da Saúde. Desse modo, Freud exerceu e ainda exerce um papel relevante no universo acadêmico, tendo em vista que em seu percurso de estudos/investigações acerca da psique e do comportamento humano, evidenciou e descreveu os conflitos vivenciados pelos sujeitos em seu cotidiano de vida, apontando o que não podia ser observado concretamente, chegando a conclusões que continuam sendo estudadas até hoje pela dimensão e complexidade de seus conceitos. Isso porque, para o psicanalista os conteúdos reprimidos que se alojam além da nossa consciência possibilitaram a suposição de indícios da existência de outro ser que nos “domina”, um estranho que nos habita no nosso mais íntimo e profundo eu. Vale salientar que a biografia de Freud tornou-se importante nesse estudo, pois foi ele o precursor da teoria psicanalítica e será este estudo que respaldará nossa análise.

2.1 Psico-Análise à luz de Sigmund Freud

¹ Disponível em: <<https://www.historiabruno.blogspot.com/2013/06/a-vida-de-sigmund-freud-1856-1939-uma.html>> Acesso em: 28 de Março de 2018.

Freud juntamente com seus colegas revolucionou a Psicologia no século XX. Após vários estudos realizados com Josef Breuer, que contribuíram para a compreensão das causas e sintomas da histeria; ele pôde conhecer Ana O., paciente histérica de Breuer, ela encantava o seu lado investigativo, e o instigava a estudar mais sobre esse transtorno. Porém, em certa época, o psicanalista já não contava com o apoio científico de seu amigo de longa data, fazendo com que a amizade já consolidada se rompesse. Então, diante de um período de inimizade com seu ex-amigo, S. Freud deu origem em 1896 a um novo método de investigação do inconsciente: a “psico-análise”, usado por ele já há seis anos antes da apresentação para a comunidade acadêmica vienense. (ROUDINESCO, 1944, p. 88).

Por acreditar que as neuroses eram causadas por um trauma de ordem sexual na infância, Freud reelaborou o método de tratamento terapêutico - **A cura pela a fala** - apresentado inicialmente por Breuer, assegurando que os distúrbios psíquicos, após tratados poderiam ser curados. (ROUDINESCO, 1944).

O método inusitado – **A cura pela fala** - consistia em um processo de conversação entre Freud e os seus pacientes. Para ele, ao ouvir palavras e frases aparentemente desconexas, conseguiria ir nas entrelinhas dos discursos de cada doente mental, tendo portanto, acesso aos tormentos que causavam a histeria. Ao ter conhecimento dos motivos que suscitavam as atitudes aparentemente “incontroláveis” de seus pacientes, o precursor da Psicanálise despertou em si próprio a esperança de uma possível “cura”. Mas em seu íntimo, se isso não fosse possível, teria ao menos acesso às angústias que “povoavam” as mentes analisadas, podendo tão somente investigar o que para ele possibilitava obter respostas sobre os diversos comportamentos humanos. A esse respeito, Carrara (2014) postula que,

No tratamento de pacientes histéricos, Freud observou que, durante o sono hipnótico, quando os pacientes respondiam as perguntas, algumas palavras lhe pareciam mais significativas, carregadas de conteúdos emocionais. Pediu, então, que os pacientes contassem tudo o que lhes viesse à mente ao serem mencionadas novamente essas palavras. Os pacientes relatavam histórias cujos conteúdos apresentavam ligação estreita com os fatos ocorridos na vida deles. Surpreendentemente, após essas sessões, Freud e Breuer observaram uma melhora significativa nos pacientes, como se eles tivessem se purificado dessas lembranças. (CARRARA, 2014, p. 15).

Portanto, a teoria psicanalítica amplia os estudos sobre “conflitos” internos nos seres humanos, tendo como intenção a investigação e compreensão dos conteúdos tidos como obscuros e misteriosos da mente humana. Com o decorrer do tempo, Freud “dedicou-se” a aprofundar e construir outras visões sobre a Psicanálise; sendo assim, pudemos então entender que os estudos psicanalíticos estão sempre voltados para a compreensão de acontecimentos

que ocupam a mente humana, os quais ao mesmo tempo em que são “simples” tornam-se “complexos”, pois jamais deixarão de existir.

Ele observou que o esquecimento de certas situações na vida de seus pacientes era constante, dessa forma, ele concluiu que, o sujeito sem consciência disso, automaticamente se recusava a lembrar-se de acontecimentos que o perturbava/incomodava. Não necessariamente isso se remetia a algo ruim, poderia naturalmente está relacionado a algo bom que se perdera. Contudo, o renomado psicanalista perguntava-se e tentava compreender, onde poderiam ficar armazenadas todas as lembranças que foram esquecidas. (BOCK, 2009).

Para Freud, o esquecimento de fatos na vida dos indivíduos, se dava através da inacessibilidade de suas ideias. A partir de vastos estudos, evidenciou que na verdade poderia se tratar não apenas de um esquecimento banal, e sim de uma **repressão** de conteúdos significativos da vida dos sujeitos. Desse modo, percebeu que o conteúdo reprimido poderia estar localizado em alguma parte obscura da mente. E foi a partir dessa reflexão que ele acreditava ter feito uma das grandes descobertas do universo da psicologia, a descoberta do **inconsciente** (BOCK, 2009).

No livro *A interpretação dos Sonhos* (1900), Freud apresenta sua primeira teoria voltada para o aparelho psíquico, chamada de *Teoria Sobre a Estrutura do Aparelho Psíquico*, referindo-se a existência de três instâncias que compõem a mente humana: o **consciente**, “é o sistema do aparelho psíquico que recebe ao mesmo tempo as informações do mundo exterior e as do mundo interior” (BOCK, 2009, p. 49); o **pré-consciente** instância que contém conteúdos acessíveis à consciência, um arquivo de memória dos conteúdos conscientes e, por fim, o **inconsciente** considerado como a maior parte que ocupa a mente humana, além disso, é também, a que demanda o mais difícil acesso.

O consciente é entendido como um sistema sob o qual podemos ter controle; logo, quando estamos conscientes temos domínio sobre o que está acontecendo ao nosso redor. A nossa consciência pode ter total controle no que diz respeito aos nossos feitos, dessa forma, podemos em alguns momentos deixarmos de cometer ações por antes ter pensado e chegado a uma conclusão de que a procedência não seria certa ou aceita socialmente. (CARRARA, 2014).

Antes das contribuições freudianas, o **consciente** era o ponto central das investigações psicológicas sobre as atuações humanas em meio ao convívio social. Em estudos tradicionais, a consciência era compreendida como a única parte da mente humana na qual deveriam se respaldar no que diz respeito ao entendimento da psique. No entanto, de acordo com Freud,

conforme já foi mencionado anteriormente, a consciência humana não dispunha de dados suficientes para a investigação dos processos mentais.

A respeito do consciente, Carrara (2014), ressalta:

Tudo que conhecemos é consciência: a percepção do mundo objetivo, as lembranças, os sentimentos, o pensamento e a percepção do mundo subjetivo, ou seja, como concebemos as lembranças, os sentimentos, os sonhos, os devaneios. Um conteúdo mental para ter acesso à consciência precisa ser um acontecimento perceptível. (CARRARA, 2014, p. 20).

Nesse caso, é através dele (o consciente) que podemos organizar nossa vida de acordo com o meio social, evitando assim, atitudes indesejáveis e “impróprias”, nos distanciamos de situações constrangedoras.

A outra instância da *Teoria do Aparelho Psíquico* que tem como função filtrar os conteúdos definindo o que pode ou não fazer parte da consciência humana, é denominada de Pré-consciente. Bock (2009, p. 49) ressalta que essa parte da mente “refere-se ao sistema em que permanecem os conteúdos acessíveis à consciência. É aquilo que não está na consciência nesse momento, mas no momento seguinte pode estar”. No **pré-consciente**, há representações de conteúdos que em determinadas situações podem se tornar conscientes, porém, essa transformação irá depender da necessidade que o indivíduo terá de manifestar esses conteúdos. Sobre isso Fadiman e Frager (1986) asseguram que,

[...] As porções da memória que são acessíveis fazem parte do pré-consciente. Estas podem incluir lembranças de tudo o que você fez ontem, seu segundo nome, todas as ruas que você já morou [...] O pré-consciente é com uma vasta área de posse das lembranças de que a consciência precisa para desempenhar suas funções. (FADIMAN E FRAGER, 1986 p. 08).

Portanto, de acordo com o que acima está posto, entendemos que, o **pré-consciente**, exerce a função de armazenamento de “lembranças” que de certa forma, são necessárias para o desenvolvimento do consciente. Dessa maneira, percebemos que, quando um indivíduo por algum motivo, se depara com a necessidade de relembrar acontecimentos de longo ou curto prazo, ele efetivamente, precisa apenas acessar esse “conteúdo”, armazenado nessa área da mente.

Em suas conclusões, Freud afirmava que na mente humana existia também e de forma preponderante uma parte **inconsciente**, dessa forma passou a comparar “a mente a uma

montanha de gelo flutuante, cuja parte visível da superfície representava a consciência e a submersa, a parte maior, representava o inconsciente.” (CARRARA, 2014, p. 14).

O **inconsciente** possui uma vasta capacidade de armazenamento; nele encontram-se os desejos impuros, reprimidos, fantasias de traumas sexuais, impulsos agressivos, perdas não elaboradas etc. Nesse sentido, Freud afirmava que tudo o que não era conhecido pelo indivíduo poderia se manifestar através de pensamentos insanos, que remetem a vontades consideradas impróprias pela sociedade, como por exemplo, desejar mentalmente a morte ao próximo, ou pensar em praticar atos sexuais em ambientes públicos, impulsos agressivos e desejos proibidos. Além dos pensamentos insanos na mente humana, podem também existir sonhos que em grande maioria por se revestirem de uma linguagem simbólica, são incompreensíveis e seus significados são codificados. Para o psiquiatra os sonhos é uma das chaves que permite abrir a porta do conhecimento da real personalidade humana, ele considerava os sonhos como um dos meios para a realização e satisfação daquilo que poderia ser socialmente inaceitável.

Além dos sonhos, há também os atos falhos, lapsos, chistes; os quais dizem respeito a equívocos referentes a diversas ações cotidianas dos indivíduos. Portanto, no inconsciente encontram-se alguns conteúdos reprimidos que não podem ter acesso direto a consciência humana, e isso fazem com que um indivíduo inconscientemente cometa atitudes por vezes recriminadas socialmente. (FADIMAN e FRAGER, 1986).

De acordo com Nasio (2017), as partes desconhecidas da mente humana não se limitam apenas em comportamentos incompreensíveis/intocáveis; podemos naturalmente observar o lado artístico que algumas pessoas exercem com muita facilidade, como por exemplo, a dança, na qual os lentos ou acelerados movimentos corporais podem facilmente expressar como se encontra a mente de tal artista; outro exemplo, e esse pode ser considerado como um dos mais autênticos, é a pintura e o desenho. Tanto a pintura quanto o desenho, para Freud, são representações simbólicas de materiais oriundos do **inconsciente**. É comum escutarmos de artistas que eles de início não sabem como será o resultado final de alguns trabalhos, que apenas vão construindo “traços”, dando pinceladas e os resultados são sempre surpreendentes e esses podem ser considerados como acontecimentos sublimes.

Dessa forma, conforme veremos no Capítulo II, os personagens do filme *Nise – O coração da loucura* desenvolvem através das produções artísticas símbolos que remetem aos possíveis conteúdos armazenados no inconsciente e que se relacionam com os sintomas de seus transtornos mentais. Em outras palavras, a arte na perspectiva psicanalítica freudiana,

abre espaço para expressão, reconhecimento e elaboração simbólica de conteúdos reprimidos no inconsciente.

Tentando compreender essa relação inconsciente e arte, S. Freud aponta que, as energias sexuais infantis, quando não são descarregadas, podem ser sublimadas/direcionadas para outros fins, a exemplo estão às produções artísticas e culturais. A *Sublimação* é considerada pelo pai da Psicanálise, como um jogo em que se faz presente as capacidades de desenvolvimentos artísticos e criativos de cada indivíduo. (FREUD, 1996). Para Fadiman e Frager (1986) a sublimação na ótica freudiana é

o processo através do qual a energia originalmente dirigida para propósitos sexuais ou agressivos é direcionada para novas finalidades, com frequência metas artísticas, intelectuais ou culturais. A sublimação foi denominada a “defesa bem sucedida” (Fenichel, 1945). Podemos comparar a energia original a um rio que inunda, destruindo casas e propriedades. Para evitar isso, uma barragem é construída. A destruição não pode mais ocorrer mas a pressão se desenvolver atrás do dique, ameaçando danos ainda maiores se, em qualquer ocasião, a barreira romper-se. (FADIMAN e FRAGER, 1986, p. 18).

Dessa forma, compreende-se que a *sublimação* está relacionada à transformação dos conteúdos negativos localizados no inconsciente em algo positivo, ou seja, o que ora é considerado como um conteúdo psíquico negativo, pode se transformar posteriormente em algo bom, benéfico; como a pintura, desenhos, a dança, o meio artístico como um todo.

Para Freud, a *sublimação* atua sobre as camadas de pulsões sexuais, ou seja, através do “processo de *sublimação*, a pulsão sexual passaria de sua solidez e consistência diretamente para uma produção vaporosa e espiritual, que é a maneira pela qual o abjeto se transforma no sublime.” (BIRMAN, 2008, p. 19).

Na Psicanálise é afirmado que todo e qualquer indivíduo tem a capacidade de transformar suas energias sexuais negativas em representações simbólicas artísticas e culturais sendo essas totalmente positivas. No filme em estudo poderemos perceber que, após um longo processo os clientes transformam as desorganizações negativas que antes eram armazenadas em seu inconsciente em representações criativas, que seriam a pintura, o desenho e a escultura. Nesse sentido, deduzimos que os clientes da Psicanalista Nise da Silveira encontraram na arte uma forma de sublimar todos os seus transtornos mentais.

2.2 VIDA E MORTE: a dinâmica das pulsões

Como parte das ferramentas teóricas que fundamentarão nossas análises do filme “*Nise – O coração da loucura*” utilizaremos também as considerações teóricas sobre as pulsões de vida e de morte que Freud descreveu em seu livro “*Além do princípio do prazer*” (1996). Para o teórico os instintos/pulsões são subdivididos em dois, a “pulsão de vida” também denominada de “Eros” e a “pulsão de morte”, no caso o “Tânatos”. Considera-se a pulsão como uma situação de tensão, a qual procura através de um meio minimizar seu estado, podendo então ser considerada como “uma representação inata de uma fonte de excitação corpórea.” (CARRARA, 2014, p. 21). Essas representações podem naturalmente ser manifestadas através de desejos de conteúdos positivos assim como também negativos.

A Pulsão de vida ou “Eros” está relacionado com a autoconservação e a preservação da vida. A autoconservação dos seres humanos se dá através da busca incessante por prazeres, não apenas sexuais, mas também os que envolvem a satisfação profissional; o contentamento de estar vivo, dia após dia; de se encontrar com quem ama; ouvir sua música favorita etc., isso é conservar o que de bom a vida tem para oferecer.

Para Carrara (2014) o termo “Eros”, na mitologia grega, era considerado como o cupido do amor, nesse caso, ele seria o deus do amor; por isso, Freud o considera como o princípio que domina o desejo pela vida, o amor à vida. Quando um indivíduo sente fome ou sede, naturalmente irá saciar suas necessidades comendo e bebendo, mesmo que esses alimentos não estejam a sua disposição, o indivíduo tentará solucionar tal situação comprando-os ou até mesmo roubando-os. Podemos inferir, neste caso, que sua ação de roubar para se alimentar é mobilizada pelo instinto de sobrevivência, denominado pulsão de vida.

Além da satisfação das necessidades básicas desenvolvidas, com base na tese de Freud o ser humano também busca prazer e tenta fugir de tudo que lhe cause sofrimento e dor, porém, mesmo em sã consciência em constante necessidade do seu bem viver, qualquer indivíduo pode se envolver em situações que lhe cause constrangimento, dor, perdas indesejáveis; pois de forma comum e ao mesmo tempo surpreendente, erramos mesmo quando queremos acertar. A conservação da espécie através do ato sexual, a autoestima, a busca pela cura de uma doença através de um tratamento médico, assim como também o envolvimento com produções artísticas, todos esses exemplos se enquadram nessa vontade de viver. Assim sendo, no indivíduo tudo que estiver relacionado à preservação de sua existência na sociedade pode, portanto, ser designada como uma pulsão de vida. (CARRARA, 2014).

A pulsão de morte ou como era considerado por Freud, o “Tânatos”, é o instinto “demolidor” dos prazeres pela vida. Na mitologia grega, Tânatos é a oposição de Eros; era considerado como o deus da morte. “Para Freud, a morte é a finalidade de toda vida e,

portanto, toda pessoa tem desejo inconsciente de morrer.” (CARRARA, 2014, p. 23). Dessa forma, essa pulsão é a “busca inconsciente pela morte”. Quando um indivíduo não procura uma satisfação no que pratica, ao tornar-se um ser agressivo, depressivo, ele sem consciência está indo ao encontro de um lado inorgânico, um desejo de repouso absoluto.

Considerando a visão de Bock (2009), a pulsão de morte está relacionada a um instinto destrutivo, portanto o indivíduo quando está sobrecarregado da pulsão de morte, do desejo inconsciente de morrer ele automaticamente busca sua autodestruição. No entanto a destruição pode ser direcionada para fora do corpo do indivíduo em forma de agressividade com o próximo.

Considerando tudo o que foi ressaltado anteriormente, pontuamos agora a possibilidade de mudança do que se diz respeito às pulsões. Desse modo, a alimentação pode ser considerada como uma característica própria da pulsão de vida, logo à medida que um indivíduo se alimenta ele busca automaticamente sobrevivência e conservação da sua vida. Porém ao pensarmos no processo necessário para essa ação nos deparamos com a mastigação, a trituração, o morder que causam a destruição dos alimentos. A destruição é considerada como um aspecto advindo da pulsão de morte, assim cabe-nos concluir que, em determinadas situação o que era para ser apenas uma pulsão de vida transforma-se automaticamente em pulsão de morte. Além da alimentação, o amor (geralmente simbolizando um sentimento puro, verdadeiro, com demonstrações de carinho e cuidados) manifestado entre dois indivíduos pode também desenvolver marcas da pulsão de morte. Através desse sentimento é comum surgir desafetos tais como o ódio, a traição, a desconfiança e o desprezo; portanto, tendo em mente essa transformação de atitudes/sentimentos positivos em negativos observamos que há a possibilidade de desvio do que era de início uma pulsão de vida para uma pulsão de morte. (CARRARA, 2014).

Além de ter analisado como se desenvolviam os processos das pulsões de vida e morte dos seus pacientes, Freud também se deteve a investigar cientificamente as fases da sexualidade ou desenvolvimento psicosexual a partir da infância dos humanos. Logo, suas conclusões não agradaram muito a sociedade como um todo, isso se deu porque o foco em análise eram crianças, ou seja, seres considerados pela sociedade como completamente puros e assexuados. Assim, como parte do arcabouço teórico desse estudo, abordaremos no próximo item a sexualidade freudiana, tendo em vista que em nossas análises dos personagens do filme, alguns apresentam comportamentos típicos das fases da sexualidade elaboradas teoricamente por Freud.

2.3 O desenvolvimento sexual na infância e os reflexos na personalidade adulta

S. Freud (1996) supôs que, no processo que existe entre a vida infantil e a adulta, pode haver situações que desencadeiam esquecimentos de alguns acontecimentos vivenciados na infância e esses deixam profundos rastros em nossa vida anímica,² tornando-se assim extremamente importantes para uma evolução futura. Portanto, esses esquecimentos, podem ser comparados a certa amnesia que tem os seus fundamentos totalmente afastados da consciência, ou seja, partes das impressões infantis são recalçadas.

Em seus estudos sobre o desenvolvimento da sexualidade, Freud verificou que a maioria dos pensamentos, desejos reprimidos e recalçados na mente de seus pacientes eram de origem sexual os quais faziam parte da vida infantil. Segundo Bock (2009, p. 50), esses conteúdos estavam relacionados com “experiências de caráter traumático, reprimidas, que se configuravam como origem dos sintomas atuais”.

Ao estudar como se manifestava a sexualidade na fase infantil, Freud percebeu que, nas fases iniciais da vida a criança sentia prazer em determinadas partes do corpo e esse prazer era de cunho sexual. Seus estudos aprofundados na área possibilitaram a elaboração do que ele denominou de teoria da *Sexualidade Infantil*. No livro *Três Ensaios sobre a Sexualidade Infantil e outros Trabalhos* (1996), ele apresenta a sexualidade infantil a partir de fases que embora ocorram na infância, tem repercussões na vida adulta. No período de desenvolvimento da *Sexualidade Infantil*, a criança inconscientemente busca conhecer as funcionalidades de seu próprio corpo e assim,

As pulsões sexuais são múltiplas, povoam o território do inconsciente, e sua existência remota a um ponto longínquo de nossa história, desde o estado embrionário, só vindo a cessar com a morte. Suas manifestações mais marcantes aparecem durante os primeiros cinco anos de nossa infância. Freud decompõe a pulsão sexual em quatro elementos. Deixando de lado a *fonte* de onde ela brota (zona erógena), a força que a move e o *objetivo* por meio do qual tenta chegar a seu objetivo ideal. (J. -D. NASIO, 1995, p. 33).

Na teoria da sexualidade infantil Freud sinaliza a “presença de impulsos” na vida humana desde a infância; de acordo com o autor, tais impulsos colaboram para o desenvolvimento educacional das crianças. “Esses impulsos ou pulsões parciais seriam aspectos perversos da sexualidade infantil.” (CARRARA, 2014, p. 27). Dessa forma, os

² Próprio da vida, das manifestações corporais. Retirado de < <https://www.dicio.com.br/animico/> Acesso em: 23 de Abril de 2018.

impulsos mantém suas atuações até a vida adulta, colaborando então, para os desenvolvimentos sexuais dos indivíduos. As fases que ocorrem nesse período são chamadas de: **fase oral, fase anal, fase fálica, período de latência e fase genital**, dispostas a seguir:

Fase Oral

A fase que dá início as organizações sexuais pré-genitais é a oral, também denominada por Freud como *canibalesca*. “Nela, a atividade sexual ainda não se separou da nutrição, nem tampouco se diferenciaram correntes opostas em seu interior. O objeto de uma também é da outra, e o alvo sexual consiste na *incorporação* do objeto”, que desempenhará futuramente, através da *identificação*, um papel psíquico extremamente importante para a vida adulta. (FREUD, 1996, p. 187).

Segundo Carrara (2014), na fase oral, o prazer advém da região da boca e toda a sua extensão (lábios, língua, palato duro etc.) através, principalmente da “sucção”. As crianças até completarem um ano de vida vivenciam essa experiência, no entanto, a fase oral pode naturalmente estender-se até a vida adulta de qualquer indivíduo. Quando criança, os objetos/meios, escolhidos para propiciarem o prazer são, normalmente, os seios de sua mãe, uma mamadeira, chupetas, o próprio dedo, pirulitos etc. Nesta fase, tudo ou quase tudo, que a criança tem acesso é conduzido imediatamente para a sua boca, sem temer nenhum perigo e nesse momento é notável o quando ela sente um prazer quase que insubstituível.

Algumas crianças podem ficar fixadas na fase oral, isso acontece quando ela não consegue concluir essa fase de forma tranquila e continuará já na vida adulta, com resquícios dessa fase, ocorrendo então à fixação. A fixação acontece quando por algum motivo o indivíduo tem um prazer frustrado, essa frustração acarreta na fixação na fase em que o ser se encontra. Quando isso ocorre, alguns adultos utilizam a zona oral (roer unhas, comer muito, fumar, beber, falar demasiadamente) para minimizar seus conflitos psíquicos: tensões, ansiedade, angústia, medo. (FADIMAN e FRAGER, 1986).

Fase Anal

Logo após passar pela fase oral, a criança adentra no que Freud denominou de fase anal, momento em que a zona erógena da boca vai perdendo sua primazia e é substituída pela região anal. A fase anal pode perdurar durante um ano e meio, sendo que o prazer é sentido através da região do ânus e, assim como a fase oral, também tem repercussões na

personalidade adulta. O prazer ou o desprazer ocorre através da “expulsão ou retenção das fezes”, ou ainda da manipulação dessa região. “Neste estágio aparece à posição, presente na vida sexual, entre o ativo e o passivo, mas ainda não caracterizada, segundo Freud, pelo masculino e feminino.” (CARRARA, 2014, p. 28).

Se um adulto desde sua infância se prendeu positivamente ou negativamente a fase anal, ele apresentará sinais que o ligue a uma permanência nessa fase. O indivíduo adulto que de certa forma se prendeu a fase anal, logo, será identificado através da maneira como organiza sua vida financeira. Esse poderá ser bondoso de forma excessiva (“expulsão”), além de sempre ter pensamentos positivos, não se importará em doar seus pertences, em se desfazer de seus bens e de incentivar os seus semelhantes; ao contrário do indivíduo “avarento” (“retenção”), tenta a qualquer custo dominar as situações em que está presente, tem problemas em se desfazer do que lhe pertence.

Fase Fálica

A fase fálica ocorre a partir dos três/quatro anos de idade da criança. “Denomina-se fase fálica porque o pênis (= falo) é o primeiro objeto de interesse da criança de ambos os sexos.” (CARRARA, 2014, p. 29.). Através da observação e da tentativa de manipulação dos órgãos genitais (masturbação infantil) as crianças buscam explicações para diferença entre os órgãos dos meninos e das meninas. De acordo com Freud (1996), eles acreditam que pela diferença existente entre ambos, a menina por algum motivo perdera o seu falo (pênis) e que o mesmo poderá acontecer com os meninos.

De acordo com o psicanalista, a criança do sexo masculino apresenta uma resistência em ver o clitóris feminino como um substituto do seu pênis. Enquanto isso, a menina ao identificar os genitais no menino, percebe de imediato a diferença existente entre o que ela possui e o que é possuído pelo menino, sendo assim, é levada a sentir inveja do que nitidamente lhe falta. (FREUD, 1996).

Ainda na fase fálica, foi explicado por Freud o estágio edipiano. Ele usou o termo *Complexo de Édipo*³ para intitular um dos conceitos que constituem o estágio de

³ Freud menciona o complexo de Édipo a partir da menção à tragédia grega Édipo – Rei de Sófocles a qual retrata a história de Jocasta esposa do rei de Tebas, Laio daria a luz a um menino que, segundo um oráculo, seria o assassino do seu próprio pai e posteriormente casaria com sua genitora. Laio, ao temer a consagração de tal previsão planejou a morte de seu filho mesmo antes do seu nascimento. Porém, ao nascer, a criança foi salva e criada por uma família da corte estrangeira a qual lhe deu o nome de Édipo. Ao se tornar um homem forte e destemido, Édipo ao descobrir o seu futuro tenebroso, acreditando ter sido gerado pelo casal que tanto o amou, decidiu fugir para a cidade de Tebas. Não sabendo ele que no trajeto para aquela cidade se daria a concretização

desenvolvimento psicosssexual. Para ele, essa é uma teoria que explica os sentimentos de amor e “desejo” aflorados nos meninos em relação a sua própria mãe. Nesse meio tempo, a criança enxerga em seu próprio pai um autêntico rival, por também manifestar interesses por sua mãe; o adulto, no caso, o pai, serve naturalmente como um modelo que a criança tenta seguir para conquistar a atenção, os carinhos de sua genitora.

No decorrer do desenvolvimento do complexo de Édipo, surge o *Complexo de Castração*, momento em que o menino expressa sentimentos negativos em relação ao seu pai, isso porque ao desenvolver sentimentos de amor/desejo por sua mãe, como já explicado, ele vê no pai um extremo rival. Logo, o menino temerá os castigos de seu pai, mais especificamente o temor da castração. E é pelo medo de ser castrado que ele reprime seus desejos eróticos pela Mãe, fazendo uma opção narcísica pela preservação do seu órgão.

O *Complexo de Édipo* embora seja mais conhecido na criança de sexo masculino também ocorre nas meninas. No caso da menina a atenção está voltada para a presença do clitóris e falta do pênis percebido no corpo no menino. Sentindo-se injustiçada a menina tende a culpar sua mãe pela a falta do falo e acredita que por algum motivo esse lhe foi retirado de forma precoce, logo por acreditar na castração de “seu pênis” embora nunca o tenha tido, a menina busca através da aproximação com o pai suprir a falta do órgão genital que para ela será uma inexistência temporária dando origem ao *Complexo de Édipo Feminino*. (GRANATO, 2015).

Período de Latência

No decorrer do desenvolvimento da sexualidade infantil, o período de latência exerce o papel de “calmaria” na vida da criança, pois, logo ao passar da conturbada fase fálica, ela inicia a organização de suas habilidades, valores e de atuações aceitas socialmente. Podemos afirmar que o período de latência exerce o papel de “[...] identificação da criança com o pai e com a mãe e da acentuação do seu papel sexual, seja masculino ou feminino.” (CARRARA,

de uma tragédia familiar; Édipo “numa súbita rixa” mata o seu verdadeiro pai, Laio. Ao concluir sua viagem e desvendar o enigma apresentado pela Esfinge, como prêmio, Édipo recebeu o trono de Tebas juntamente com a rainha daquela cidade, a sua própria mãe, Jocasta. Enfim casados, marido e mulher/mãe e filho, reinaram por longos anos e geraram quatro filhos, sendo dois homens e duas mulheres. Com a permanência de uma peste destruidora na cidade de Tebas, o oráculo foi novamente interrogado, dando assim, o início a tragédia grega de Sófocles. Logo, através da previsão foi concluído que, a peste só seria cessada quando o assassino de Laio fosse expulso do país; sendo descoberto o seu feito passado, Édipo descobre também que era filho do homem que havia assassinado, Laio; assim como também da mulher que gerou todos os seus filhos. Não aceitando aquela triste realidade, Édipo cega-se a si próprio e abandona sua família, efetuando então as visões do oráculo. (FREUD, 1899, p. 277 *apud* CARRARA, 2014, p. 30).

2014, p. 34). Para Freud, no período de latência algumas forças anímicas/desconhecidas surgirão como empecilho a frente da pulsão sexual que, estreitará seu percurso através de barreiras, contendo as pulsões exageradas através do surgimento do sentimento de vergonha, exigências do agir de maneira ideal. Dessa forma, a educação pode ser considerada como uma forma de conduzir as crianças pelos princípios da ética e moral, e educando-a para controlar seus impulsos agressivos e sexuais. (FREUD, 1996).

Fase Genital

A fase genital ocorre quando a puberdade é atingida, a agitação erótica é manifestada através do desejo sentido pelo o corpo do outro. Para Freud, a adolescência é o período do despertar dos impulsos sexuais, os quais foram adormecidos no decorrer do período de latência. Na fase genital há uma inversão do ato narcísico (desejo/amor pelo próprio corpo do sujeito), o sujeito que antes desejava o próprio corpo e suas satisfações eram marcadas pelo autoerotismo, passa a desejar o corpo do outro.

De acordo com Costa e Oliveira (2011, p. 13) na fase genital, “A libido volta a se concentrar nos órgãos genitais, devido ao amadurecimento dos mesmos.” Logo, quando o indivíduo procura a felicidade do outro ser amado, automaticamente encontra a sua. Cabe ainda nessa fase, a atuação em conjunto no meio social; as escolhas profissionais, amorosas etc., dessa forma, o que antes era uma criança sobrecarregada inconscientemente de energias sexuais, transforma-se em um indivíduo que também precisa cumprir as suas responsabilidades pessoais e profissionais. Contudo, a permanência na fase genital não significa afirmar que os indivíduos tenham se distanciado, abolido de suas vidas as fases anteriores.

A partir de tudo que foi exposto, podemos dizer que Freud apresentou ao universo acadêmico uma metapsicologia do psiquismo humano que impactou a sociedade da sua época. Ao destacar a sexualidade como determinante no desenvolvimento da personalidade e descrever que somos determinados pelos desejos oriundos do inconsciente, ele criou um novo paradigma no seio da Psicologia. Freud pôs a sociedade frente a uma “realidade” que a mesma repudiava, e recusava a acreditar que, por exemplo, uma criança em seus primeiros anos de vida passasse por um desenvolvimento sexual; que além da consciência humana existisse um ‘inconsciente’, o qual atua de maneira quase invisível determinando o modo de viver dos seres humanos; ou ainda, que um menino em sua maior inocência pode apaixonar-se por sua própria mãe. S. Freud embora tenha recebido muitas críticas, conseguiu realizar seu

desejo narcísico, fazer com que suas obras fossem conhecidas e reconhecidas em todo o mundo.

Embora, a Psicanálise atualmente tenha sofrido alterações com muitas ramificações da teoria original, as raízes fincadas por Freud no meio acadêmico ainda continuam sólidas de modo que sua teoria é trabalhada não apenas na Psicologia, mas na Sociologia, Antropologia, Filosofia, História e na Literatura. Nos Programas de Pós-Graduação em Letras, a Psicanálise se constitui uma linha de pesquisa e há uma vasta produção de trabalhos abordando a temática Literatura e Psicanálise.

No caso do nosso trabalho, torna-se significativo ressaltar a importância que a teoria freudiana tem sobre nosso objeto de estudo. Os conceitos psicanalíticos retratados nesse capítulo, consistem em valiosas ferramentas teóricas para analisarmos e compreendermos os comportamentos e transtornos dos personagens do filme em estudo. Poderemos perceber que, o filme *Nise – Coração da loucura* nos dá a oportunidade pensarmos que há nas produções artísticas e nos comportamentos dos internos do hospital psiquiátrico, manifestações claras de conteúdos e sentimentos reprimidos do inconsciente. A trama que nos absorve não apenas como espectadores, mas como estudiosos de Freud, revela-nos que um pincel pode se transformar em lápis que escreve histórias surpreendentes, as telas em suportes para essas ‘escritas’ e os internos transformam-se em narradores que contam através da arte uma história resgatada da parte mais escura de suas mentes.

CAPÍTULO II

PINCÉIS NA TELA DA VIDA: a arte e as expressões simbólicas de sentimentos reprimidos no inconsciente

3 A sala de aula vai ao cinema

Atualmente o cinema é uma ferramenta utilizada pelos professores em sala de aula com o objetivo de possibilitar aos alunos novos meios de aprender, saindo do tradicionalismo das aulas expositivas restritas a quadro e ao giz (ou lápis adequado). Embora não haja uma aceitação unânime da comunidade escolar da utilização do filme como recurso didático, o cinema é um meio de representação da realidade educacional e os acontecimentos escolares dá vida às narrativas de produções cinematográficas. (DUARTE, 2006).

O filme tem a seu favor meios que tornam os conteúdos apresentados mais reais e atrativos, isso faz com que em algumas situações um número elevado de telespectadores volte-se para esse tipo de recurso comunicativo artístico, possibilitando-o um destaque maior em relação a qualquer outra forma de expressar a arte. Em seu livro *Cinema & Educação*, Rosália Duarte (2006), irá chamar esse real de *impressão de realidade*. A realidade apresentada nos filmes produz em seus telespectadores a certeza de sempre esperar algo novo, ligando-se ao desejo que será sentido através dos olhos e da capacidade imaginativa e criativa de cada sujeito em sua singularidade.

Um aspecto importante e que merece destaque no presente estudo, é a relação que vem se consolidando entre cinema e educação. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, os filmes norte-americanos adentraram no espaço escolar, e através deles são apresentadas às realidades sociais fora e dentro dos muros escolares. Do lado externo do ambiente escolar, através das encenações fílmicas era apresentada a difícil vida enfrentada pelas comunidades carentes, focando então no drama da baixa condição financeira, e como essa árdua realidade podia atingir as atitudes dos alunos e professores dentro da sala de aula. (DUARTE, 2006). Logo, a partir da relação existente entre o cinema e a escola, podemos perceber a inclusão fecunda do cinema nos feitos acadêmicos, possibilitando assim, a construção de novas visões e produção de conhecimento no ambiente escolar, conforme estaremos abordando no próximo item.

O cinema pode ser considerado como um meio de (in)formar seus telespectadores utilizando vários recursos: em algumas situações, os textos podem ser substituídos por imagens, em outras há uma junção de sons, imagens, textos, linguagens, e através desses o público pode dar seu próprio sentido ao que está sendo apresentado, chegando então à representação do real. (PIRES e SILVA, 2014). A esse momento de compreensão Pierre Bourdieu (1979 *apud* DUARTE, 2006, p. 13) denominou como “competência de ver”, ou seja, é a capacidade de ver e compreender qualquer história contada cinematograficamente.

Embora os filmes possibilitem aos seus telespectadores a competência da reflexão através do auditivo e do visual e isso se bem trabalhado poderia facilitar a aprendizagem em sala de aula são, no entanto, vistos por professores tradicionais como um meio errôneo de produzir conhecimentos, que ao invés de ensinar irá apenas divertir os alunos. Sobre isso Duarte (2006), ressalta que,

Imersos numa cultura que vê a produção audiovisual como espetáculo de diversão, a maioria de nós, professores, faz uso dos filmes apenas como recurso didático de segunda ordem, ou seja, para “ilustrar”, de forma lúdica e atraente, o saber que acreditamos estar contido em fontes mais confiáveis. (DUARTE, 2006, p.87).

Para a autora, infelizmente, os filmes são vistos apenas como um meio de entretenimento, não sendo considerado seu valor para o desenvolvimento educacional e cultural em uma sociedade. Quando as produções com conteúdos educativos são usados na sala de aula, a única finalidade é seguir a trilha de estudo de um conteúdo delimitado. Geralmente, pede-se apenas um resumo, o que por se só já não motiva o aluno. Quase nunca se faz um estudo sobre o filme exibido, qual o motivo daquela produção em comparação ao que está sendo trabalhado em sala, ou seja, o que de fato irá importar é como ele poderá ser usado em uma determinada prática pedagógica específica. (DUARTE, 2006).

Dessa forma, torna-se necessário construir um hábito de se trabalhar produções cinematográficas em sala de aula. Visando não somente o entretenimento, mas também o desenvolvimento das capacidades de ver o explícito e o implícito, entender, e a partir disso refletir sobre a temática exibida na película. A grande variação de conteúdos apresentados através dos filmes permite chegar através do visual e do auditivo a um mundo, uma era, uma história ou realidade que não foi vivenciada pessoalmente.

Portanto, sabendo da importância do cinema como dispositivo que favorece a produção de conhecimento no universo acadêmico, possibilitando relações mais fecundas entre a arte e a educação, elegemos como corpus de análise nesse estudo, um filme que nos permite transitar entre a arte e a psicanálise, e reconhecer os caminhos obscuros do inconsciente que após um processo de reorganização, podem ser entendidos através da mediação artística. Neste sentido, pretendemos analisar as expressões simbólicas de conteúdos reprimidos no inconsciente nas produções artística dos personagens com transtornos mentais no filme *Nise – O coração da loucura*. No decorrer de nossas análises destacaremos cenas do filme em que podemos perceber como a arte e o afeto podem minimizar sintomas dos personagens com transtornos mentais, além de possibilitar uma melhor socialização no meio em que vivem.

No que se refere à sala de aula, esse filme a partir desse tema pode contribuir vários exemplos de como a arte deve ser vista com olhos que enxerguem sua importância não só criativa, mas também organizadora. A arte em si deve ser entendida como uma forma de expressão, de apresentar através dos desenhos, pinturas, detalhes o que as palavras não são capazes de demonstrar.

3.1 “A LOUCURA” NA TELA DO CINEMA: considerações sobre o filme Nise – o coração da loucura

O filme *Nise – O coração da loucura*, inspirado em fatos reais, foi produzido por Rodrigo Letier e Lorena Bondarovsky no ano de 2015, sob a direção de Roberto Berliner, que também montou o roteiro juntamente com Chris Alcazar, Patrícia Andrade, Maurício Lissovski, Flávia Castro, Maria Camargo e Leonardo Rocha. Lançado em 21 de abril de 2016, o filme conta com vários atores conhecidos no meio artístico brasileiro.

A protagonista personagem psiquiatra Nise da Silva foi interpretada pela atriz Glória Pires. Além dela, outros atores também participaram da formação do elenco do filme. O ator Fabrício Boliveira atuou como Fernando Diniz (personagem que livrou-se do método da eletroconvulsoterapia – ação que induzia a convulsão do paciente através de um choque elétrico – e passou a atuar no ateliê de pinturas) e os demais foram Simone Mazzer (Adelina Gomes), Júlio Adrião (Carlos Pertuis), Felipe Rocha (Almir), Flávio Bauraqui (Octávio Ignácio), Augusto Madeira (Lima), Bernardo Marinho (Rafael Domingues), Cláudio Jaborandy (Emídio de Barros), Roberta Rodrigues (Ivone) e Roney Villela (Lúcio Noeman). Composto ainda esse riquíssimo elenco os personagens antagonistas, Fernando Eiras (Mário Magalhães), Charles Fricks (Mário Predosa), Georgiana Góes (Marta), Zé Carlos Machado (Dr. Nelson) e Luciana Fregolente (Eugênia).⁴

O filme com duração de 109 minutos ganhou vários prêmios nacionais e internacionais e rendeu ao ator Flávio Bauraqui, o título de Melhor ator Coadjuvante – 2017 no Grande prêmio do Cinema Brasileiro. O filme chamou a atenção de variados públicos, por apresentar a atuação profissional da personagem Nise em um hospital psiquiátrico. Ela enquanto psiquiatra apresenta uma nova forma de tratamento da esquizofrenia, baseando-se na arte e na construção de novos modos de se relacionar com os internos do manicômio.

⁴ Informações retiradas do site <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-240724/criticas-adorocinema/>> Acesso em 30 de Abril de 2018.

Com menos de dois meses do lançamento nos cinemas brasileiro (de 22 de Abril a 19 de Junho de 2016), o filme já atingia a venda de mais de 140 mil bilhetes⁵. No Festival de Cinema Brasileiro na Rússia, que aconteceu em Moscou e em São Petersburgo, venceu o prêmio de público com mais de 800 espectadores. Além disso, no Festival de Tóquio, ganhou o prêmio de melhor filme e melhor atriz; na França, ganhou do júri Popular do Festival de Cinema Latino de Epernay o título de melhor longa de ficção, e como se já não fosse o suficiente para reconhecermos a grandiosidade dessa produção, conquistou ainda o prêmio de melhor filme e audiência no Festival Internacional de Cinema do Rio de Janeiro⁶.

Observamos através das diversas premiações obtidas que o filme teve uma grande aceitação do público no geral. Talvez por despertar no espectador as mais variadas emoções e sentimentos de alegria, tristeza, raiva, angústia, compaixão e solidariedade. Além disso, é possível notar que o filme produz momentos de reflexão acerca do sofrimento daqueles que tem transtornos mentais e como esse sofrimento pode ser minimizado a partir de ações humanizadas por parte da equipe de profissionais que atuam em um hospital psiquiátrico. Por outro lado podemos pensar na importância da arte como uma terapêutica capaz de fazer fluir movimentos de transformação na vida dos personagens internos que viviam de formas sub-humanas e desesperançados diante do contexto caótico de vida.

O filme *Nise – O coração da loucura*, baseados em fatos reais, tem como principal protagonista a Psiquiatra Nise da Silveira, que atua no Centro Psiquiátrico Nacional no estado do Rio de Janeiro. Ao chegar ao hospital a médica se depara com um ambiente violento, tomado pelo caos, onde os profissionais tratavam os internos de forma brutal e grotesca cujos procedimentos clínicos eram feitos a base de lobotomia e choques elétricos. A Personagem Psiquiatra por ter um posicionamento contrário aos procedimentos clínicos ali realizados, inicia um trabalho no Setor de Terapia Ocupacional (STO), com pacientes esquizofrênicos que viviam desolados, em condições desumanas e vidas desprovidas de sentido. Com formação psicanalítica baseada em Freud e Jung, Nise vê na arte um dispositivo capaz de provocar alterações na vida psíquica dos internos e neste sentido, cria um ateliê de arte dentro do próprio hospital psiquiátrico.

⁵ Informações retiradas do site <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-240724/bilheterias/>> Acesso em 30 de Abril de 2018.

⁶ Informações retiradas do site <https://www.huffpostbrasil.com/2016/10/19/filme-sobre-nise-da-silveira-vence-premio-de-publico-em-festival_a_21699510/> Acesso em 30 de Abril de 2018.

3.2 NISE DA SILVEIRA: uma referência da psiquiatria brasileira no século XX

Antes, porém, da análise é pertinente apresentarmos considerações sobre a Psiquiatra Nise, mostrando a sua importância para a psiquiatria brasileira. Nise Magalhães da Silveira (1905) nasceu na cidade de Maceió – Alagoas. Ela apresentou para a sociedade através de sua força de vontade e de perseverança estudos e atuação profissional que contribuíram de forma significativa para ampliar e lançar um novo olhar sobre a psiquiatria brasileira. Foi através da psiquiatria institucional e por meio de inúmeras pesquisas que ela tornou-se especialista em Terapia Ocupacional (TO).

A alagoana, filha de um jornalista e de uma pianista, formou-se na Faculdade de Medicina da Bahia entre os anos de 1921 e 1926, sendo reconhecida por ser a única mulher em uma turma de 157 alunos. Muito presente em defesas contra a discriminação das mulheres na sociedade, Nise defendeu em sua tese de doutorado o tema “Ensaio Sobre a Criminalidade da Mulher no Brasil”, retornando em seguida para sua cidade natal, onde não ficou por muito tempo; seguindo então para o Rio de Janeiro (1927). E foi na cidade carioca que teve sua vida transformada em virtude de seu pensamento sobre a saúde mental e de uma prática diferenciada da medicina no seu local de trabalho.

Profundamente envolvida com os movimentos marxistas juntamente com o seu esposo, Mario Magalhães, ex-colega de turma; Nise da Silveira focou nos círculos literários e artísticos. Deu vida a artigos publicados no jornal “A Manhã” abordando assuntos da medicina. Conseguiu estágio na renomada Clínica Neurológica de Antônio Austregésilo, isso no ano de 1932; no ano seguinte, passou em um concurso público, assumindo então os trabalhos na Praia Vermelha no setor de Serviços de Assistência a Psicopatas e Profilaxia Mental.

Após três anos de atuação em seu novo trabalho, sua profunda dedicação aos movimentos marxistas rendeu-lhe 15 meses de reclusão no presídio de Frei Caneca. Encontravam-se nas mesmas circunstâncias Graciliano Ramos, Olga Benário e outros perseguidos políticos. Esse tempo entre as grades rendeu-lhe reflexões acerca do conceito de liberdade, permitindo outros modos de encarar a vida e auxiliando na organização de sua atuação profissional com seus “clientes” no hospital. Após ficar livre da prisão, Nise sem rumo e com receios de ser presa novamente, passou a dedicar-se a fazer anotações de suas conclusões sobre os estudos da Filosofia de Spinoza, sendo essas publicadas mais a frente em forma de cartas. Após quase 10 anos da sua reclusão (1944), a psiquiatra retorna ao serviço público no Hospital Pedro II (antigo Centro Psiquiátrico Nacional), em Engenho de Dentro,

subúrbio do Rio de Janeiro. É importante destacar que no filme em análise é retratada essa sua atuação profissional.

No Hospital Pedro II, Nise a partir de sua visão singular sobre a psiquiatria, pôde auxiliar o psiquiatra Flávio Sodré a implantar naquela instituição a Terapia Ocupacional (TO). Para melhorar sua atuação profissional, ela mergulhou em fontes teóricas que abordavam a temática tais como: as teorias de Kraepelin, Bleuler, Schaneider, Simon, Freud, Jung⁷. No entanto, foi em Jung que a psiquiatra encontrou respaldos suficientemente claros ao ponto de ser possível explicar as produções artísticas desenvolvidas em seu atelier.

Nise e Jung se comunicavam através de cartas e juntos analisavam a produção artística dos pacientes da Instituição em que ela estava atuando. O Psicanalista Jung ficou impressionado com as mandalas produzidas pelos internos e logo compreendeu que as obras de arte produzidas pelos psicóticos eram na verdade manifestações do inconsciente coletivo. Jung afirmava que as manifestações do inconsciente coletivo era a representação da “linguagem dos mitos” simbolizada através de figuras por ele denominadas de “arquetípos”.

Consciente da atuação da psiquiatra no projeto criado no hospital, o então diretor solicitou dela o desenvolvimento de um trabalho no Setor Terapêutica Ocupacional e Reabilitação (STOR) no já mencionado Centro. No ano de 1954 o STOR (Dirigido por Nise por quase 30 anos) foi devidamente regularizado por Paulo Elejalle (Diretor do Hospital), sendo esse apenas oficializado em 9 de agosto de 1961. Com o avanço positivo do atelier do STOR, no ano de 1947, os pacientes tiveram suas obras expostas no Ministério de Educação e Cultura, dois anos depois o Museu de Arte Moderna de São Paulo e da Câmara Municipal do Rio de Janeiro fizeram as honras tendo total apoio do crítico francês Leon Degand.

Com as inúmeras produções dos “clientes”, na época eram cerca de 350 mil obras, Nise fundou o Museu de Imagens do Inconsciente (1952), o qual ficou conhecido internacionalmente. Objetivando tornar as ideias de Jung conhecidas pela sociedade assim como também a fundação do Museu de Imagens do Inconsciente, Nise fundou o Grupo de Estudos C. G. Jung (1955), por ela presidido até o ano de sua morte. Em 1956 ela criou a Casa das Palmeiras, era uma instituição externa com atendimentos voltados para pacientes com transtornos mentais sem internação ou controle de liberdade. Por sua vasta serventia a

⁷ Carl Gustav Jung nasceu em 26 de julho de 1875, na cidade de Kresswil, na Brasiléia. Ele tornou-se um psiquiatra e psicoterapeuta muito renomado mundialmente, foi também o responsável por fundar a Psicologia Analítica propondo ainda o desenvolvimento e os conceitos da personalidade extrovertida e introvertida, arquetípos e o inconsciente coletivo. Todo o seu trabalho tem grande influência sobre estudos voltados para a religião, literatura e áreas afins. Disponível em <http://www.jrmcoaching.com.br/blog/quem-foi-carl-gustav-jung-historia-abordagens-e-legado/> Acesso em 17 de Maio de 2018.

Casa das Palmeiras passou a ser reconhecida como utilidade pública por decreto municipal em 1963.

Embora a Psiquiatra com base em Jung tenha desenvolvido bastantes trabalhos em sua carreira como psiquiatra, apenas em 1957 ela pode conhecê-lo. O primeiro encontro aconteceu no II Congresso Internacional de Psiquiatria, em Zurique. Através desse encontro foi inaugurada a exposição “Esquizofrenia em Imagens”, constituída das obras de arte do Museu de Imagens do Inconsciente e assim o trabalho de Nise da Silveira foi reconhecido mundialmente.

Embora fosse bastante engajada com o seu trabalho no hospital como psiquiatra o que lhe rendeu várias medalhas de honra ao mérito, ela teve atuação também no universo acadêmico, produzindo alguns artigos: *Estado Mental dos afásicos (1944)*; *Considerações teóricas sobre ocupação terapêutica (1952)*; *Contribuição aos estudos dos efeitos da leucotomia sobre a atividade criadora (1955)*. Esses trabalhos por terem sido considerados relevantes, foram todos publicados em revistas e jornais do Rio de Janeiro.

Além da produção dos artigos ela também escreveu uma resenha contando suas experiências na TO, intitulada de *20 anos de Terapêutica Ocupacional em Engenho de dentro (1946-1966)*. Nise também foi autora de 10 livros: *Ensaio sobre a criminalidade da mulher no Brasil – 1926* (Tese de doutorado), *Jung: Vida e Obra – 1968* (Esse com 5 edições – 1968, 1975, 1976, 1985, 1999), *Terapêutica Ocupacional: teoria e Prática – 1979* (Casa das Palmeiras), *Imagens do Inconsciente – 1981, Casa das Palmeiras. A emoção de lidar. Uma experiência em psiquiatria – 1986, O Museu de Imagens do Inconsciente – História – 1980, Artaud: a nostalgia do mais – 1989* (Com auxílio de Rubens Corrêa, Marco Lucchesi e Milton Freire, *O mundo das imagens – 199, Cartas a Spinoza – 1995 e Gatos, a emoção de lidar – 1998*.

As produções de Nise da Silveira acima pontuadas marcaram sua carreira profissional e sua vida pessoal positivamente; aventureira, verdadeira e determinada, ela, mesmo se encontrasse barreiras não se limitava, estava sempre criando e desenvolvendo meios de enriquecer o campo teórico-prático da psicoterapia brasileira. A observação, a empatia e a calma em compreender cada “cliente” que por ela passava eram suas maiores ferramentas de trabalho, sempre apoiada nos ensinamentos de seu mestre Jung, conseguiu dar voz aos “loucos” numa época em que seus colegas de trabalho não faziam o mínimo esforço para compreender suas atitudes. Foi no filme, autobiográfico, que a voz da loucura se manifestou através de traços, pontos, delicadeza, acabamentos e cores. O filme que adotamos como objeto desse estudo é um dos maiores registros da atuação de Nise na Psiquiatria brasileira, e

a partir dos próximos itens estaremos analisando os personagens e a atuação dessa profissional no filme *Nise – O coração da loucura*⁸.

3.3 O PINCEL QUE ESCREVE NA TELA DA ARTE: a “narração” dos conteúdos de uma mente obscura

“É necessário se espantar, se indignar e se contagiar, só assim é possível mudar a realidade.” (Nise da Silveira).

De acordo com o aporte teórico apresentado no Capítulo I, analisaremos cenas importantes do filme *Nise – O coração da loucura*, destacando aquelas em que percebemos claramente em personagens específicos a relação entre os conteúdos do inconsciente e suas expressões nas produções artísticas. Além disso, iremos também explorar as cenas que os personagens aparentam estarem fixados as fases do desenvolvimento da sexualidade. Ressaltaremos também cenas do filme em que os personagens manifestam as pulsões de vida e de morte.

O filme apresenta uma diversidade de cenas, as quais variam desde a violência e agressividade até aos momentos de pulsão de vida, de criação no ateliê de pintura desenvolvido por Nise da Silveira, onde os clientes eram convidados a expressarem seus universos singulares, através da arte (desenhos, pintura, escultura) os sentimentos que existiam em seu mais profundo interior. Vale salientar que o filme apresenta em sua trama, vários personagens que poderiam ser analisados, no entanto, optamos por selecionar alguns, evitando, assim, uma análise extensa que extrapolariam os limites desse estudo. Selecionamos os personagens cujos comportamentos e produções artísticas possibilitam uma análise sob o olhar da psicanálise, são eles: Carlos Pertuis, Fernando Dinis, Adelina Gomes e Rafael Domingues.

Ao abordar sobre a relação arte e inconsciente, Nagem (2009), afirma que, quando nos clientes surge o sentimento de conflito no seu processo de tratamento, eles irão se voltar completamente para o seu eu interior, objetivando encontrar no inconsciente alguma resposta para sanar as suas incessantes dúvida. Além disso, ela ainda afirma que,

⁸ As informações sobre a vida e obras de Nise da Silveira foram retiradas da revista CAMARA, F. P. História da Psiquiatria: vida e obra de Nise da Silveira. **Psychiatry on line Brasil**. v. 7, n. 9, Set/2002. Disponível em <<http://www.polbr.med.br/ano2/wal0902.php>> Acesso em 01 de Maio de 2018.

Para o artesão-artístico, ou qualquer pessoa que busque o dom de criar pelas próprias mãos, o confronto entre o real (a matéria, o inconsciente) e o imaginário (o inconsciente externo pela arte) é a melhor forma de resolução de conflitos, pois integra a dimensão consciente e inconsciente por meio de uma solução criativa, real e palpável. O conflito nada mais é do que um apelo à auto-regulação da psique; é o inconsciente chamando a atenção do indivíduo: pare, pense, mostre-se e ponha para fora o que tem em seu interior, para, desta forma, poder viver uma vida plena (NAGEM, 2009, p. 23).

No filme em análise, a personagem Nise através do Setor de Terapia Ocupacional (STO) pretendia desenvolver atividades que levassem seus clientes a expressarem seus sentimentos internos, assim como também os seus desejos, pensamentos e lembranças que marcaram suas vidas. Então, como já deixado claro, ela deu início a essa tentativa de entender o que de fato se passava no lado obscuro da mente de seus clientes fazendo uso das habilidades artísticas que cada paciente manifestava ter. A arte nesse caso servia como uma forma de expressão diferenciada, não era em todo caso usada à fala ou os gestos, mas sim as cores, os traços e formatos.

3.3.1 ANÁLISE I - A expressão simbólica da “loucura”

No decorrer do filme *Nise – O coração da loucura*, o cliente Fernando Diniz apresenta um quadro de esquizofrenia, nele é bastante nítida uma desorientação que para Nise poderia ter sido causada por uma decepção amorosa. Fernando quando jovem sempre ficava a ouvir na sala da casa, onde trabalhava sua mãe, uma moça tocar piano, ele manifestava por ela um profundo carinho e admiração. Esses sentimentos foram totalmente fragilizados quando tal moça casou-se, daí surgiu uma desilusão e desorganização emocional no rapaz.

O personagem Fernando Diniz após ter sido uma espécie de “cobaia” em um experimento no Centro Psiquiátrico Nacional, a eletroconvulsoterapia (método que induz a convulsão através de um choque elétrico), encontra na tela e no pincel a forma de demonstrar todos os embaraços e desorientações que povoam sua mente. Influenciado pela personagem Psiquiatra Nise, ele mergulha no universo da imaginação e criatividade. Notamos que, sua primeira pintura não apresenta um sentido nítido; para quem observa a produção do personagem percebe uma confusão, a falta de linearidade e sentido na imagem. Não que um desenho ou pintura tenha que necessariamente apresentar tais aspectos, pois essas produções artísticas aparentam ser uma representação de conteúdos do inconsciente.

Conforme foi exposto no primeiro capítulo, Freud em sua teoria psicanalítica afirma que o ser humano não pode ser compreendido apenas pela racionalidade do consciente, pois certos conteúdos só são possíveis à consciência após serem superados certas resistências. Desse modo, para ele, a vida psíquica é algumas vezes ocupada por pensamentos dinâmicos, no entanto, esses são inconscientes, originando assim inúmeros sintomas neuróticos. (CORDEIRO, 2010). Podemos observar no personagem Fernando que sua forma de agir e de se expressar artisticamente, podem ser oriundas da instância obscura de sua mente, seu inconsciente.

Imagem 1: Primeira produção do personagem Fernando Diniz.



Fonte: Print Screen da aplicação no sistema operacional Windows 10.

Imagem 2: Obra original do artista Fernando Diniz.



Fonte: < <http://www.ccms.saude.gov.br/nisedasilveira/afeto-catalisador.php>>

Na imagem(1) acima apresentada, nota-se que o personagem quase que adentrando na cartolina, com pincel e tinta reproduz longos e curtos riscos. A união de tais riscos e pontos preenche todo o papel, mas não apresenta nitidamente nenhum sentido para quem o observa, no entanto, embora ele, possivelmente, não fosse capaz de explicar o que tentou demonstrar, toda a construção, de alguma forma, poderia para ele apresentar algum sentido claro. Podemos compreender que o seu inconsciente se manifesta através de símbolos distorcidos que nos impossibilitam de decifrar, a priori, que mensagem está sendo expressada. De acordo com Carl Jung todo ser humano desde a maternidade está rodeado de símbolos, para ele,

Os símbolos não consistem apenas em compreender a nós mesmos como pessoas, ou até mesmo a nossa cultura. Eles nos conectam a um mundo mais elevado, um mundo que está além de nós, um mundo de “outros” psíquicos. (YOUNG, 2014, p. 44 – 45).

Portanto, na concepção de Jung, os símbolos possibilitam a representação no mundo externo dos conteúdos existentes no inconsciente, favorecendo a compreensão do universo psíquico do sujeito e a origem de seus conflitos emocionais. As abstrações representadas nas pinturas do personagem Fernando, vão aos poucos dando coerência ao que de fato ele quer expressar do seu universo particular. Seus sentimentos e as lembranças de suas vivências, vão sendo representadas nas telas de uma maneira mais organizada.

Imagem 3: O personagem Fernando após organizar suas pinturas.



Fonte: Print Screen da aplicação no sistema operacional Windows 10.

Imagem 4: Produção original do artista Fernando Diniz.



Fonte: <<http://entrelinhablog.com.br/fernando-diniz-em-busca-do-seu-espaco-cotidiano>>

Após reagrupar todas as imagens (tendo em mente que há cada quadro pintado, ele apresentava um objeto diferente), que possivelmente poderiam estar presentes em seu inconsciente. Depois de um longo processo, o cliente Fernando Diniz pinta uma sala ocupada por vários objetos, semelhante ao espaço onde ele sempre ficava ouvindo as músicas de sua admirável amada. Dessa forma, compreendemos que, ele conseguiu se encontrar no infinito de conteúdos que ocupavam o seu próprio inconsciente, ressignificando suas atitudes anteriores que o incapacitava de interagir de forma consciente no meio social em que vivia.

Outro personagem que merece destaque em nossas análises é o interno Carlos Pertuis. Sempre acompanhado por um cachorro, constantemente colhia sementes desejando plantá-las, afirmando sempre que “*semente é vida*”. Foi internado no centro de tratamento após afirmar que via Deus nos raios de sol que refletiam no espelho do seu quarto, insistindo que as pessoas que o cercavam também teriam que ver. Vale salientar que esse sintoma alucinatorio de ver pessoas, objetos e lugares que não existem na realidade, é típico de um quadro de esquizofrenia. No decorrer do filme em um determinado momento no ateliê de pintura, Carlos

ao reproduzir uma imagem, sendo essa identificada como uma flor de ouro, a protagonista Nise de imediato faz alusão às ideias de Jung. Ela pontua que: - *Jung diz que a psique, assim como todo organismo vivo tem potencial reorganizador, auto curativo que se manifesta nessas formas circulares, que essa tentativa de Carlos de reorganização ela se dá justamente no seu lado místico.*

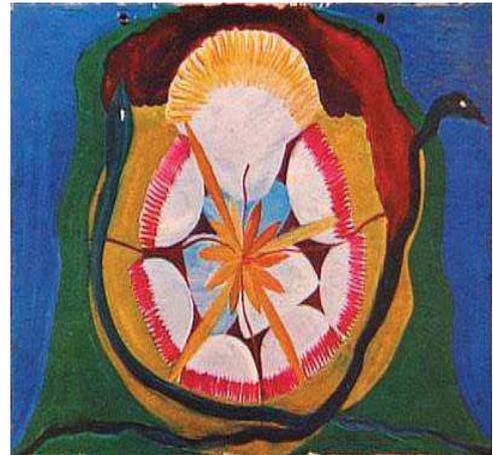
Assim, entendemos que “os conteúdos do inconsciente são os representantes da pulsão que estão fixados em fantasias, histórias imaginárias, concebidas como manifestações do desejo, que é polos do conflito defensivo.” (CODEIRO, 2010, p. 4). Podemos deduzir então que, o cliente Carlos Pertuis busca através da pintura, representar mesmo sem consciência disso, suas histórias imaginárias que povoam as regiões subterrâneas de sua mente.

Imagem 5: O personagem Carlos pinta uma flor de ouro.



Fonte: <<http://blog.saude.mg.gov.br/2016/05/17/>>

Imagem 6: A representação divina pelo Artista Carlos Pertuis.



Fonte: <<http://aquiloquenosome.blogspot.com/2013/>>

Nessa imagem(3), Carlos focaliza seu olhar nos raios de sol que transpassam a janela em sua frente, logo supõe-se que ele esteja vendo a imagem da flor de ouro e a reproduzindo minuciosamente no papel. De acordo com Nise “... em várias religiões orientais, a flor de ouro simboliza a presença de Deus.”. Segundo Vieira (2014), Jung afirma ter encontrado inúmeras vezes a representação da flor de ouro nos desenhos de seus pacientes, considerando-a como um símbolo mandálico, sendo então vista como uma flor que cresce de uma planta em um fundo obscuro.

Deste modo, mesmo sem consciência disso, o cliente encontra na flor de ouro uma forma de representar a luz divina que cerca sua vida. Embora estivesse mergulhado na mais profunda escuridão de seu mundo interno ele dá indícios de que através da pintura, raios de

luz iriam reluzir no ponto mais obscuro de sua mente, tornando então o que antes eram conteúdos inacessíveis em representações conscientes.

Considerando o conceito de *sublimação* da teoria freudiana que para Nasio (1997) é um “meio de transformar e elevar a energia das forças sexuais, convertendo-as numa força positiva e criadora.” (p. 78), podemos então, relacionar as produções dos personagens Fernando Diniz e Carlos Pertuis a esse conceito, ressaltando que os conteúdos reprimidos localizados inicialmente no inconsciente de ambos tenham sido sublimados, transformando-se assim em produções artísticas. Logo, a sublimação pode, nesse caso, ter acontecido por haver por parte da psiquiatra uma dedicação constante, acompanhada de muito amor e carinho. Com toda a necessidade de afetividade suprida os clientes conseguiram enfim, reorganizar nas telas fatos de uma vida que só eles podiam ter acesso.

3.3.2 ANÁLISE II - Viver para morrer e morrer para viver: dois desejos que entram em cena

Em alguns momentos da trama em análise nos deparamos com cenas de agressividade dos personagens que apresentam transtornos mentais. Após terem sido submetidos a tratamentos cruéis que provocavam dores físicas e emocionais, é compreensível que se tornem agressivos até mesmo para se defenderem e se protegerem. Embora Freud acredite que a agressividade seja parte da *pulsão de morte*, o caso dos personagens pode ser interpretado de forma diferente tendo em vista que a agressividade expressa por eles parece ocorrer para autodefesa. A autodefesa, nesse caso, pode ser compreendida como uma busca pelo bem estar, relacionando-se então com a *pulsão de vida*. Neste caso eles agrediam para não serem agredidos, preservando então a sua existência e sua vida. A *pulsão de vida* está profundamente relacionada com o prazer de buscar viver sempre bem, satisfazendo inicialmente todas as necessidades básicas cuidando do seu próprio eu. (CARRARA, 2014).

Bock (2009, p. 51) ao abordar a teoria freudiana ressalta que, “A **pulsão** refere-se a um estado de tensão que busca, por meio de um objeto, a supressão desse estado.” Em contrapartida, em relação aos doentes mentais que não reagem aos maus tratos, preferiam estar sempre quietos, deitados, neutros; esses apresentavam então, características que estão diretamente ligadas à *pulsão de morte*. Na *pulsão de morte* é comum que o indivíduo não demonstre nenhum valor pela própria vida, suas atitudes demonstram que viver já não faz mais sentido, desejando inconscientemente a própria morte. (CARRARA, 2014).

Alguns personagens deixam evidências da atuação da pulsão de morte em sua vida, é o caso do cliente Rafael Domingues, foi internado aos 19 anos após seu pai ter abandonado sua família. Antes de apresentar um quadro psicótico, ele trabalhava em um escritório como desenhista e chegou a ganhar vários prêmios. Na trama, podemos supor que o personagem constantemente apresentava comportamentos típicos da pulsão de morte: nas cenas aparece sempre sentado não demonstrando nenhuma vontade de viver, não ria, mas também não chorava, se quer revidava qualquer agressão, logo, a visão que temos é de uma criatura apática e poderíamos simbolicamente dizer que seria uma morte em vida.

Imagem 7: Rafael Domingues sem motivação pela vida.



Fonte: <<http://blog.saude.mg.gov.br/2016/05/17/>> Acesso em 07 de Maio de 2018.

Para Freud, “quando o indivíduo não é bem sucedido socialmente (me refiro a todos os gêneros sociais; social, econômico, familiar, etc.), ele tende a ser tomado pela pulsão de morte.” (OLIVEIRA, 2010, p. 63). Considerando a imagem acima, notamos que o personagem Rafael apresenta um profundo desânimo, seu corpo já não manifesta nenhuma atitude reativa, o mundo parece não fazer sentido, o espaço torna-se invisível aos seus próprios olhos, logo sua estrutura física já não faz mais parte daquele meio, ele, portanto, manifesta uma pulsão negativa em relação a sua própria vida, demonstrando que viver já não faz mais sentido.

A esse respeito Foucault (2008) ressalta que,

a doença pode afetar o ser humano na esfera individual onde se desdobra a experiência do seu corpo próprio. Então, o corpo deixa de ser esse centro de referência em torno do qual os caminhos do mundo abrem as suas possibilidades. Ao mesmo tempo, altera-se a presença do corpo no horizonte da consciência. Por vezes, ela adensa-se para uma objetividade, na qual a consciência já não se sente senão como cadáver ou máquina inerte, cujos impulsos emanam todos de uma exterioridade misteriosa. (FOUCAULT, 2008, p. 66).

Conforme foi ressaltado acima, a perda da autoestima pode estar relacionada à *pulsão de morte*, a falta de prazer pela vida, desejando mesmo que inconscientemente a morte. No entanto, quando uma pessoa que antes não tinha, mas recupera sua autoestima ela notoriamente manifesta um desejo de viver. Oliveira (2010) aponta que, “Segundo Freud, o indivíduo possui a pulsão de vida e a pulsão de morte. A pulsão de vida faz com que o indivíduo sinta vontade de satisfazer suas vontades, buscar o prazer e satisfação da libido”.

No filme podemos observar várias cenas que ressaltam a pulsão de vida nos personagens, Adelina Gomes, outra personagem com transtorno mental, que inicialmente apresentava comportamentos agressivos, era uma pessoa triste, que não cuidava do seu próprio eu, além disso, prezava a distância que insistia em manter com os outros internos e profissionais do hospital. Porém, após ser convidada a participar das sessões de TO, ao se deparar com uma caixa com produtos de maquiagem, imediatamente ela pega um batom e passa lentamente em seus lábios, como poderemos observar na imagem abaixo.

Imagem 8: A personagem Adelina aos poucos retoma sua autoestima



Fonte: Print Screen da aplicação no sistema operacional Windows 10.

Mesmo sendo uma pessoa agressiva, a personagem Adelina ao ver o espelho e o batom faz brotar do seu interior uma vaidade que já não era comum em seu dia a dia. Ao passar lentamente o produto, ela observa no espelho aquela cor rosada em seus lábios⁹ e parece gostar do que está vendo, manifestando então a *pulsão de vida*. Considerando sua atitude, notamos que “O que passa a ser reivindicado não é mais o direito de viver, e sim a vontade de continuar vivo.” (OLIVEIRA, 2010, p. 68).

⁹ Observar melhor a cena no próprio filme: **35min34seg/36min15seg**

3.3.3 ANÁLISE III - Fase oral e anal: reflexos da infância na vida adulta

No desenvolvimento da sexualidade infantil, conforme explicamos no Capítulo I, algumas situações vivenciadas na infância quando a criança atravessa as fases (oral, anal, fálica, latência e genital) podem ter repercussões na personalidade adulta, denominados por Freud (1996) de fixação. A fixação pode acontecer quando um prazer é frustrado no período de desenvolvimento de alguma dessas fases. Para Freud a experiência de cada criança nesse processo de desenvolvimento psicosssexual é determinante na formação da personalidade adulta. Por exemplo, na fase oral “surge à dependência, pois a criança neste período é quase que totalmente dependente da mãe, já que é ela quem o alimenta e protege do que lhe possa fazer mal. Esse sentimento de dependência permanece durante fases da vida,” (HALL E LINDZEY 1984, p. 40-41 *apud* FARIA, et al. 2015 – não paginado). Nesse caso, se houver uma fixação na fase oral, por exemplo, no período de amamentação, na vida adulta essa fixação pode ser substituída pela dependência do cigarro. A esse respeito Foucault (2008), afirma que,

Os primeiros objetos procurados pela criança são alimentos e o primeiro instrumento de prazer é a boca: fase de erotismo bucal, durante a qual as frustrações alimentares podem desenvolver os complexos de abstinência; fase também de ligação quase biológica com a mãe, em que qualquer abandono pode provocar os défices fisiológicos. (FOUCAULT, 2008, p. 27).

As concepções teóricas colocadas acerca da fase oral podem ser percebidas no filme, mais especificamente no personagem Carlos Pertuis. Em todas as cenas aparece com um cigarro entre seus dedos, ele claramente manifesta uma fixação na fase oral; em uma das cenas, o personagem Almir (artista plástico que ajudou solicitamente Nise a erguer o ateliê de pintura) ao levar para o ateliê, tintas e pincéis, ele convida os clientes para pintar, expondo sobre a mesa em que ele se apoia, os materiais; Carlos, porém se aproxima e rapidamente aponta para o bolso da camisa de Almir. Ele retira um cigarro e o entrega dizendo “*só pra chamar inspiração*”, o cigarro não só para ele, mas como para os outros personagens serve como calmante e inspiração artística.

Imagem 9: O uso do cigarro como fixação na fase oral.



Fonte: Print Screen da aplicação no sistema operacional Windows 10.

Então, considerando a imagem apresentada acima, assim como todas as cenas do filme em que o personagem Calos se faz presente, podemos supor que ele manifesta através do vício pelo cigarro uma fixação na fase oral do desenvolvimento sexual. Logo, esse vício o auxilia como ponte entre seu inconsciente e suas influências externas, representando os conteúdos armazenados através das pinturas e desenhos.

Além de Carlos no filme, outro personagem apresenta um estado de fixação em uma das fases do desenvolvimento sexual. O personagem Rafael Domingues, no início do filme, aparece nas cenas fazendo pontos e traços (considerados por Nise como intenção de desenhos) na parede com suas próprias fezes. De acordo com a teoria freudiana, crianças que tiverem experiências positivas durante a fase anal tornam-se adultos equilibrados (FARIAS et al. 2015). Dessa forma, considerando a teoria de Freud, podemos compreender que Rafael possa ter passado por transtornos familiares nesse período, fazendo com que ele ficasse fixado na fase anal. Importante observar que uma das características da fase anal, é a manipulação de fezes pela criança, de forma que esse manuseio torna-se uma forma de brincar. Por isso nessa idade é aconselhável que a criança tenha acesso a materiais como massa de modelar e argila, que funcionariam como substitutos das fezes.

Imagem 10: Fixação na fase anal.



Fonte: Print Screen da aplicação no sistema operacional Windows 10.

Portanto, fica claro que de acordo com a teoria freudiana, o personagem Rafael através da fixação anal apresenta o prazer que sente em expulsar suas fezes usando-as para produzir desenhos, os quais de alguma forma para ele, mesmo estando inconsciente disso representa a desorganização dos conteúdos acumulados no seu universo psíquico.

Podemos deduzir que as produções artísticas serviram como forma de descarregar a energia pulsional contidas no inconsciente de cada personagem do filme. A arte foi uma maneira encontrada para minimizar todas as energias negativas que se encontravam no interior de cada um deles. Dito de outro modo, a arte foi utilizada pela personagem Nise, como um dispositivo terapêutico capaz de produzir em seus clientes, movimentos de expressão simbólica de sentimentos, traumas, desejos, perdas e lembranças que marcaram suas vidas.

O filme também nos revela que a partir dos estabelecimentos de vínculos afetivos entre profissionais e pacientes, e das sessões de terapias ocupacionais os internos conseguiram minimizar os sintomas de seus transtornos, conseguiram controlar os impulsos agressivos e passaram a interagir socialmente de forma mais saudável. Os sintomas foram aos poucos sendo sublimados, assim, os conteúdos negativos reprimidos foram se revelando, tomando formato, cor e dando sentido a cada comportamento em sua particularidade.

No filme, podemos compreender o quanto a atuação do processo de *sublimação* possibilitou aos esquizofrênicos, situações de reorganização mental. A arte foi restauradora e possibilitou a ressignificação de momentos traumáticos e a possibilidade de dá um novo sentido a vida. Assim o que antes era inconscientemente manifestado através de agressões, busca pelo isolamento, desafetos foi transformado através da arte. As telas pintadas, os desenhos feitos, as esculturas modeladas deram visibilidade ao que antes não podia ser

contado através de palavras, deram visibilidade e sentido aos sentimentos e sensações recalçadas nas profundezas da mente.

4 CONCLUSÃO

“Gosto de mergulhadores, pessoas que estudam a fundo o mundo interno. A maioria das pessoas tem medo do insciente e ficam na superfície. Preciso de mergulhadores como escafandro. Quem quer estudar Psicologia que compre um escafandro e mergulhe com o esquizofrênico.” (Nise da Silveira).

Neste trabalho buscamos analisar, à luz dos estudos psicanalíticos, as expressões simbólicas de conteúdos reprimidos no inconsciente nas produções artísticas dos personagens com transtornos mentais no filme *Nise – O coração da loucura*. A nossa pretensão foi acompanhar os processos de evolução dos personagens internos de um manicômio que tiveram suas vidas transformadas a partir de dois dispositivos agenciados pela personagem psiquiatra Nise da Silveira e seus aliados: A arte e o Afeto. No decorrer da trama, que é baseado em fatos reais, vimos o poder da arte como mecanismo de sublimação dos conflitos psíquicos vivenciados pelos doentes mentais e o poder das relações afetivas capaz de fazer pulsar vida em um ambiente marcado pelo medo, violência, apatia, angústia e mortes simbólicas.

Em nossa viagem pela trama, alguns personagens chamaram mais atenção e se merecem destaque pela forma como conseguiram dar um novo sentido a existência a partir do processo de criação artística. Assim vimos que os personagens que sofriam de transtornos mentais Fernando Diniz e Carlos Pertuis encontraram no desenho e na pintura uma forma de expressar os dramas por eles vivenciados internamente. Fernando Diniz por não conseguir explicar por meio de palavras buscou nas telas uma maneira de demonstrar a decepção amorosa que um dia ele viveu em silêncio. Aos poucos tendo como mediadora a personagem Psiquiatra Nise da Silveira, ele conseguia reviver e ressignificar suas dor de amar, além de acontecimentos marcantes do seu passado. Em suas produções ia estabelecendo ligações entre o seu inconsciente e o pincel que dava formas as suas sensações, emoções e pensamentos possibilitando o processo de reconhecer-se a partir de suas criações.

O personagem Carlos Pertuis também incursiona pelo universo da arte. Sua forma de representar por meio de símbolos à imagem divina que segundo ele via nos raios de sol, demonstrava o quanto a arte pode ser reveladora possibilitando assim, a transformação de suas vivências e tornando-o mais afável feliz. Quando falamos em processo de ressignificação da vida via sublimação, estamos nos referindo à capacidade que certo indivíduo conquista de criar e representar suas emoções através da arte. Sobre essa questão Chendo (2009) afirma que quando o sujeito se sente autônomo

é capaz de transformar não só as matérias mas também as situações, começam a ocorrer mudanças psíquicas e efetivas transformações em sua vida, pois existe uma relação direta entre a transformação da matéria e a transformação psíquica, como se a luz estivesse entrando e mostrando novas possibilidades. (CHENDO, 2009, p. 62).

Neste sentido, podemos perceber que essa “reorganização” do psiquismo humano pode ocorrer via *sublimação*. Como vimos *sublimação* segundo Freud, ocasiona uma transformação das energias psíquicas negativas em energias positivas a partir do processo de produção artística e cultural. Em particular, as obras de arte comumente originárias da *sublimação* são consideradas como uma representação/expressão de conteúdos mentais reprimidos no inconsciente (NASIO, 1997).

No filme *Nise - O coração da loucura*, analisamos também uma das questões teóricas abordada por Freud ligado à área da sexualidade. Foi possível observar na maioria das cenas a existência da fixação por parte de alguns personagens nas fases do desenvolvimento da sexualidade infantil. O personagem Calor Pertuis, em seus momentos de desenho e pintura demonstrava através do uso excessivo do cigarro uma fixação parcial na fase oral. É como se o ato de criar estivesse atrelado ao ato de fumar, o que revela resquícios da fase oral vivenciada na infância. Também evidenciamos resquícios da fase anal no personagem Rafael. Em algumas cenas ele aparece manipulando suas fezes tal qual uma criança que atravessa essa fase entre 2 e 3 anos de idade. Rafael, antes da chegada de Nise ao hospital, era sempre repreendido por evacuar suas fezes em lugares inapropriados e usá-las para fazer riscos e pontos nas paredes. Esses pontos e riscos se bem observados, apresentavam certa linearidade, mas talvez não passasse nenhum significado para quem os vissem, em todo caso, para o personagem poderia retratar muito do que existia em seu mundo interno.

Uma outra observação psicanalítica que destacamos no filme diz respeito aos conceitos de pulsão de vida e pulsão de morte elaborados por Freud. O personagem Rafael constantemente encontrava-se isolado, sem demonstrar disposição para levantar-se e andar, uma espécie de morte em vida. Ele, embora de corpo presente, em algumas situações parecia não existir, o que nos leva a supor que a pulsão de morte parece ser predominante em suas atitudes. A personagem psiquiatra ao perceber a letargia que preponderava na vida desse personagem, tenta a partir do afeto, de processos interativos, fazer ressurgir seu desejo pela vida.

A pulsão de morte interage com a pulsão de vida, logo, para Freud toda finalidade da vida é a morte, dessa forma não há sentido na morte se não existir a vida. Outra personagem

que também consegue superar a pulsão de morte e vivencia momentos de resgate da autoestima e da vida é Adelina Gomes. Nas primeiras cenas ela tem comportamentos agressivos, chegando a agredir a psiquiatra Nise. Mas com as novas relações de afeto que vão sendo construídas e a participação no ateliê de arte, produziram em Adelina, movimentos em prol da vida. Em determinada cena ela percebe que tem uma maquiagem a disposição, coloca-a no rosto, olha-se no espelho e gosta da sua imagem, liberando assim a energia da vida. Dessa forma, podemos supor que, quando um sujeito busca melhorar sua autoestima, realizar seus desejos, reativar projetos parados, ou até mesmo quando se empenha em processos de criação artística, está sendo liderado pela pulsão de vida.

Uma das questões norteadoras desse estudo está relacionada à eficácia da utilização da arte como recurso terapêutico para os personagens que sofriam de transtornos mentais no filme. Podemos inferir que o projeto de inserir a arte na vida dos pacientes internos coordenado por Nise da Silveira, foi exitoso enquanto processo de criação, de resignificação da vida e transcendência. Evidenciamos que apesar de marginalizados entre os muros de um manicômio, os internos-artistas se engajaram em uma viagem ao interior de si mesmo, traduzindo as profundezas da mente em cores e formas.

Por outro lado, também elegemos como fio condutor desse estudo a importância das relações afetivas no âmbito daquele hospital psiquiátrico. Lembramos que ao chegar ao hospital para iniciar seu trabalho como Psiquiatra, Nise da Silveira, sofre um forte impacto ao se deparar com os pacientes sendo tratados de forma brutal. A Psiquiatra ressalta a importância do envolvimento afetivo entre a área médica e os pacientes contrapondo-se aos tradicionalismos que impõe dois ambientes totalmente diferenciados, um destinado apenas para a classe profissional e o outro restrito apenas para os internos. Para ela, era sumamente importante a existência de relações mais humanizadas, e claramente colhia bons frutos ao manifestar seu carinho e dedicação aos pacientes, o que causava revolta dos seus colegas de trabalho que prezavam o autoritarismo e o distanciamento. (GUIMARÃES E SAEKI, 2006).

Para concluir, entendemos que todo trabalho acadêmico requer um fim, porém, compreendemos que o filme *Nise – O coração da loucura* pela riqueza e profundidade de questões apresentadas, possibilita-nos dizer que ao finalizarmos esse estudo estamos abrindo novos começos, novos caminhos se abrem para que estudos sejam realizados abordando outras temáticas e produzindo novos olhares e outros dizeres sobre a complexidade e beleza do universo psíquico e suas relações com a arte.

REFERÊNCIAS

BIRMAN, Joel. Criatividade e sublimação em psicanálise. **Psicanálise Clínica**. Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 11-26, Jan-Mai/2008. Disponível em <<https://www.scielo.br/pdf/pc/v20n1/01.pdf>> Acesso em 11 de Março de 2018.

BOCK, A. M. B. et al. Psicologias. Uma introdução ao estudo de psicologia. IN: _____. **Psicanalise**. São Paulo: Ed. Saraiva, 2009, p. 46-53.

CAMARA, F. P. História da Psiquiatria: vida e obra de Nise da Silveira. **Psychiatry on line Brasil**. v. 7, n. 9, Set/2002. Disponível em <<http://www.polbr.med.br/ano2/wal0902.php>> Acesso em 01 de Maio de 2018.

CARRARA, Kester (org.). Introdução à Psicologia da Educação. **Seis Abordagens**. São Paulo: AVERCAMP, 2014, p. 13-35.

CARVALHO, M. J. C.; FEITOZA, R. C.; FIGUEIREDO, D. S. A arte como instrumento de sublimação das pulsões. **Revista de Psicologia**. São Paulo. v. 15, n. 23, p. 49-58, Set-Out/2012. Disponível em <<https://www.revistas.ufg.br/rir/article/viewFile/20332/19287>> Acesso em 10 de Março de 2018.

CHENDO, I. C.P. Iluminar para revelar, colorir para transformar. In: In: PHILIPPINI, Ângela (Org.). **Arteterapia: métodos, projetos e processos**. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2009. p.61-70.

CORDEIRO, Everton, Fernandes. **O inconsciente em Sigmund Freud**. Minas Gerais: PSICOLOGIA. 2010. Disponível em <<https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0745.pdf>> Acesso em 20 de Abril de 2018.

COSTA, E. R.; OLIVEIRA, K. E. A sexualidade segundo a teoria psicanalítica freudiana e o papel dos pais neste processo. **Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia do Campus Jataí – UFG**. Jataí-GO, v. 2, n. 11, p. 1-17, 2011. Disponível em <<https://www.revistas.ufg.br/rir/article/viewFile/20332/19287>> Acesso em 20 de Abril de 2018.

DUARTE, Rosália. **Cinema & Educação**. –2. ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FADIMAN, James; FRAGER, Robert. Sigmund Freud e a psicanálise. In: _____. **Teorias da personalidade**. São Paulo: Harbra, 1986, p. 3-23.

FARIAS, T. M. S. et al. **Fases Psicosexuais Freudiana**. Campos Mourão – PR: IV SIES, 2015. Disponível em <<https://www.sies.uem.br/trabalhos/2015/698.pdf>> Acesso em 30 de Abril de 2018.

FOUCAULT, Michel. **Doença mental e psicologia**. Tradução de Hélder Voçoso. 1. ed. Lisboa: Texto & Grafia. 2008.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre sexualidade e outros trabalhos (1901-1905), In: **Obras Completas de Freud**, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GRANATO, T. M. M; RIBEIRO, L. J. **Caminhos do complexo de Édipo Feminino: Da proposta freudiana à psicanálise contemporânea**. Campinas: PUC – Pontifícia Universidade Católica, 2015. Disponível em <https://www.puc-campinas.edu.br/websist/Rep/.../2015812_232355_435402558_reseu.pdf> Acesso em 14 de Maio de 2018.

GUIMARÃES, Jacileide; SAEKI, Toyoko. **Sobre o tempo da loucura em Nise da Silveira**. Ribeirão Preto – SP: USP, 2006. Disponível em <<https://www.scielo.org/article/csc/2007.v12n2/531-538/pt/>> Acesso em 27 de Maio de 2018.

NAGEM, Denise. Caminhos de Transformação: Transformar Para Integrar da Restauração à Reciclagem. Arteterapia: métodos, projetos e processos. In: PHILIPPINI, Ângela (Org.). **Arteterapia: métodos, projetos e processos**. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2009. p. 21-34.

NISE – O CORAÇÃO DA LOUCURA: Roberto Berliner. Brasil: TvZero, 2016, Download (1h 49min.).

NASIO, J. D. Introdução à obra de FREUD. IN: ARCANGIOLI, A.M. **Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicort, Dolto, Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995. p. 13-58.

_____. Lições sobre os sete conceitos cruciais da psicanálise. IN: _____. **O conceito de sublimação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997. p. 77-96.

_____. 9 lições sobre a arte e a psicanálise. IN: _____. **A arte por hipnose. A sublimação**. 1. ed. - Rio de Janeiro: Zahar, 2017. p. 93-125.

OLIVEIRA, Luana, Garcia de. Eros e Thanatos: A pulsão de vida no conceito Freudiano e o *Homo Consumericus*. **Revista Labirinto**, Ano X, n. 14. p. 62-92, dez, 2010. Disponível em <<https://www.periodicos.unir.br/index.php/LABIRINTO/article/view/935/918>> Acesso em 20 de Abril de 2018.

PIRES, M. C. F; SILVA, S. L. P. O cinema a educação e a construção de um imaginário social contemporâneo. **Educação Social**, v. 35, n. 127. p. 607-616, abr.-jun. 2014. Disponível em <<https://www.scielo.br/pdf/es/v35n127/v35n127a15.pdf>> Acesso em 20 de Abril de 2018.

ROUDINESCO, Elisabeth. A invenção da psicanálise. In: _____. **Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo**. Tradução de André Telles. 1. ed. - Rio de Janeiro: Zahar, 2016, p. 81-115.

SOUZA, M. R. A psicanálise e o complexo de Édipo: (novas) observações a partir de Hamlet. **Psicologia USP**. São Paulo, v. 17, n. 2, p. 135-155, Jul/2006. Disponível em <<https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/41894>> Acesso em 10 de Março de 2018.

SOUSA, E. L. A. III Freud e a arte. IN: ENDO, P. (Org.). **Sigmund Freud: ciência, arte e política**. Porto Alegre, RS: L&M, 2012, p. 61-77.

VIEIRA, Fátima. **Jung revela O Segredo da Flor de Ouro, o elixir da vida...** 2014. Disponível em <<http://blog-psique.blogspot.com.br/2014/12/jung-revela-o-segredo-da-flor-de-ouro-o.html>> Acesso em 10 de Maio de 2018.

YOUNG, Skip Dine. **A psicologia vai ao cinema: o impacto psicológico da sétima arte em nossa vida e da sociedade moderna**. 1. ed. – São Paulo: Cultrix, 2014.

<<https://www.historiabruno.blogspot.com/2013/06/a-vida-de-sigmund-freud-1856-1939-uma.html>> Acesso em: 28 de Março de 2018.

< <https://www.dicio.com.br/animico/>> Acesso em: 23 de Abril de 2018.

<<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-240724/criticas-adorocinema/>> Acesso em 30 de Abril de 2018.

<<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-240724/bilheterias/>> Acesso em 30 de Abril de 2018.

<https://www.huffpostbrasil.com/2016/10/19/filme-sobre-nise-da-silveira-vence-premio-de-publico-em-festival_a_21699510/> Acesso em 30 de Abril de 2018.

<<http://www.jrmcoaching.com.br/blog/quem-foi-carl-gustav-jung-historia-abordagens-e-legado/>> Acesso em 17 de Maio de 2018.

<<http://blog.saude.mg.gov.br/2016/05/17/>> Acesso em 07 de Maio de 2018.